

# Pode a religião influenciar a saúde?

OS CIENTISTAS ESTÃO, DESDE HÁ MUITO, INTERESSADOS NOS EFEITOS QUE AS CRENÇAS RELIGIOSAS E O COMPORTAMENTO RELIGIOSO TÊM NA SAÚDE FÍSICA E MENTAL.



VIVER MAIS  
A ESPERANÇA

“QUANDO OS PAIS CUMPREM FIELMENTE O SEU DEVER NA FAMÍLIA, RESTRINGINDO, CORRIGINDO, ADVERTINDO, ACONSELHANDO, ORIENTANDO, O PAI COMO SACERDOTE DA FAMÍLIA, A MÃE COMO MISSIONÁRIA DO LAR, ELES ESTÃO A OCUPAR A POSIÇÃO QUE DEUS QUERIA QUE OCUPASSEM. CUMPRINDO FIELMENTE O SEU DEVER NO LAR, ESTÃO A **MULTIPLICAR OS MEIOS DE FAZER O BEM FORA DO LAR.**”

## "EIS QUE CEDO VENHO"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

### DIRETOR

António Amorim

### Diretor de Redação

Paulo Sérgio Macedo

### Coordenador Editorial

Paulo Lima

E-mail: revista.adventista@pservir.pt

### Colaboradores de Redação

Manuel Ferro e Lara Figueiredo

### Projeto Gráfico

Sara Calado

### Diagramação

Rita Mendes

### PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

Diretor Carlos Simões Mateus

### Sede e Administração

Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-398 Almagem do Bispo Tel.: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01

Controlo de Assinantes Paulo Santos

E-mail: assinaturas@pservir.pt Tel.: 21 962 62 19

### Impressão e Acabamento MDI – Design e Impressão

V. N. Famalicão

Tiragem 1500 exemplares

Depósito Legal Nº 1834/83

Preço Número Avulso €1,90

Assinatura Anual €19,00

Isento de Inscrição no E. R. C. – DR 8/99 artº 12º Nº 1a  
ISSN 1646-1886

Ilustrações da revista © Adobe Stock

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A.



VIDA CRISTÃ

# 06

## O conceito de perfeição em Cristo

Em geral, as pessoas gostam de fazer as coisas na perfeição e também gostam de ver perfeição na vida dos outros.



HERANÇA ADVENTISTA

# 32

## Os bons velhos tempos – Em busca da verdade presente

Um artigo publicado no início do século XIX lamentava a invenção da chaminé da salamandra a carvão.



BÍBLIA

# 24

## Guardando dias – O Sábado em Gálatas 4:10 e 11

Gálatas 4:10 e 11 é destacado por alguns crentes evangélicos para “provar” que o Sábado já não deve ser guardado.

## 04 DESPEDIDA EDITORIAL

## 05 CALENDÁRIO / BANCO DE LEITURA

## 18 NOTÍCIAS NACIONAIS

## 19 NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

## 12 AS SETE CABEÇAS DA BESTA DE APOCALIPSE 17 > PROFECIA

Apocalipse 17:9-11 prevê uma sucessão de sete últimos Papas antes do regresso de Cristo?

## 20 PODE A RELIGIÃO INFLUENCIAR A SAÚDE? > ARTIGO DE FUNDO

Os cientistas estão, desde há muito, interessados nos efeitos que as crenças religiosas e o comportamento religioso têm na saúde física e mental.

## 29 QUEM SOMOS NÓS E PORQUE ESTAMOS AQUI? > TEOLOGIA

Enquanto Adventistas do Sétimo Dia, temos o privilégio de ver a realização de algumas profecias ocorrer perante os nossos olhos.



# Despedida



Prezados Leitores da *Revista Adventista*, depois de cinco anos a escrever o *Editorial*, cheguei ao momento de dizer-vos adeus como Presidente da UPASD. Gostaria de realçar o privilégio que tive de participar na história desta revista. Para mim, foi relevante ter feito parte de uma equipa que escreve e prepara uma revista tão especial, pois é o órgão oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal. Consciente da árdua tarefa, fica, no entanto, a humilde sensação de dever cumprido, graças ao nosso bondoso Deus. Foi um privilégio partilhar todos os meses uma mensagem com aqueles que têm amor pela Igreja de Deus. Quero dar os parabéns a todos os que fazem mensalmente desta revista uma leitura estimulante, através da seleção de artigos que transmitem conhecimento e promovem a reflexão espiritual dos membros da Igreja nacional. Apesar de parecer fácil escrever o *Editorial*, confesso que, no início, não o foi para mim. Com o passar do tempo, alguns Leitores foram comentando não só os bons artigos publicados na revista, como também as palavras de incentivo e de motivação que encontravam nos diferentes *Editoriais*. Pela graça de Deus, através dos seus comentários, quer positivos, quer menos bons, deram-me

a noção da responsabilidade da escrita. Apesar das falhas cometidas e de outras dificuldades sentidas, sinto-me feliz por ter contribuído com todo o rigor e com toda a dedicação, expondo o que estava no meu coração. A existência da *Revista Adventista* em cada lar deveria ser uma prioridade de todos os membros da Igreja. Cada crente pode, e deve, ser um assinante. Por fim, em primeiro lugar, desejo agradecer de coração a Deus pela oportunidade que me deu de escrever os *Editoriais* para a *Revista Adventista*. Em segundo lugar, desejo agradecer a toda a equipa da *Revista Adventista*, que faz um trabalho excelente, desde a preparação dos conteúdos até à sua chegada às mãos dos assinantes. Todos fazem um trabalho sério e meritório, à altura do que merecem os leitores da revista. Posso dizer que a Publicadora SerVir tem uma equipa verdadeiramente dedicada ao serviço em prol da Igreja e de Deus. Apesar de cessar a minha colaboração, a *Revista Adventista* continuará a sua missão, podendo a sua equipa contar com a certeza de que fará parte das minhas orações. Deixo um bem-haja a todos.

Desejo ainda expressar os meus votos de êxito ao meu sucessor, o Pastor António Amorim, tanto enquanto Presidente da União

Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, como enquanto Diretor da *Revista Adventista*. Oro para que Deus o abençoe grandemente no exercício das suas funções e que abençoe também a equipa que irá trabalhar sob a sua orientação. Que as bênçãos de Deus continuem a ser derramadas sobre a Sua Igreja.

“Como é bom render graças ao Senhor e cantar louvores ao teu nome, ó Altíssimo; anunciar de manhã o teu amor leal e de noite a tua fidelidade” (Salmo 92:1 e 2).

---

**Pr. António Rodrigues**  
Presidente cessante da UPASD

## CALENDÁRIO UPASD



### DIAS ESPECIAIS

#### Junho

03	Dia da Escola Sabatina, do Estudo da Bíblia e dos Cursos por Correspondência
10	Dia Internacional dos Ministérios da Mulher
17	Dia do Refugiado

#### Julho

01	Dia de Jejum e Oração; Colportagem Jovem
02-29	Formação de Promotores de Saúde
07-11	Acampamento Logos
13-16	Acampamento Nacional de Rebentos
22	Sábado da Criança
23-30	Acampamento Nacional de Tições

## COMUNIDADE DE ORAÇÃO



#### Junho

05-09	Associação da Suíça Alemã (SU)
12-16	Centro Multimídia Stimme der Hoffnung (EUD)
19-23	Clínica La Lignière (EUD)
26-30	Universidade Adventista de Friedensau (EUD)

#### Julho

03-07	Casa Publicadora Romena (RU)
10-14	Seminário Teológico de Sagunto
17-21	Associação de Berlim e Alemanha Central (NGU)
24-28	Publicadora SerVir (PU)
31-04/08	Associação do Norte do Reno e da Westfália (NGU)

## PRESEÇA NOS MEDIA



### FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 15h30 // ANTENA 1, a partir das 22h47

12/06	segunda-feira
17/07	segunda-feira
27/07	quinta-feira

### CAMINHOS

RTP2, às 10h30 // ANTENA 1, a partir das 06h00

Não haverá programa.

Estes horários de emissão podem ser alterados pela RTP2 sem aviso prévio.

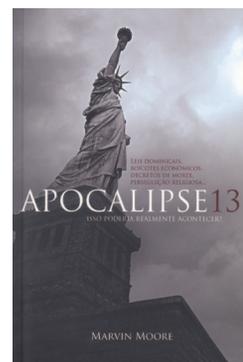


## BANCO DE LEITURA

# Apocalipse 13

Marvin Moore

O capítulo 13 de Apocalipse revelou-se determinante na constituição da mundividência Adventista desde muito cedo na nossa história denominacional. Apesar do seu complexo simbolismo, temos hoje uma compreensão bem clara do seu conteúdo. Sabemos bem o que representam as bestas que aí figuram como protagonistas e percebemos razoavelmente o significado das ações que lhes são atribuídas. A importância deste capítulo profético do livro de João é tão grande que todos nós deveríamos ter uma noção exata do seu significado. Pensando na necessidade de elucidar os crentes Adventistas do Sétimo Dia sobre o significado de Apocalipse 13, o Pastor Marvin Moore, um dos mais destacados conhecedores das profecias sobre o tempo do fim, escreveu um livro que deveria ser de leitura obrigatória para todos os membros da Igreja Remanescente. Este livro está dividido em três partes: Parte 1 – A Besta do Mar; Parte 2 – A Besta da Terra; Parte 3 – A Marca da Besta. Em cada uma destas partes, Marvin Moore interpreta o significado de um dos símbolos proeminentes de Apocalipse 13 e, depois, mostra como está a ser instalado o cenário político-religioso contemporâneo que abrirá caminho para a concretização da realidade que os referidos símbolos proféticos representam. Por exemplo, na Parte 1, Moore começa por interpretar o símbolo da besta do mar. Depois, discorre sobre o começo e o fim do poder político do antigo Papado e sobre a cura da ferida mortal do moderno Papado. Em seguida, mostra como toda a Terra se maravilhou com o poder papal, e termina, apresentando a teoria política Católica antes e depois do Concílio Vaticano II. Esta mesma estratégia de interpretação dos símbolos proféticos à luz da história contemporânea é seguida nas outras duas partes. Posso dizer que é impressionante o domínio que Moore tem da história recente do Papado e dos Estados Unidos da América. A sua exposição cativa a atenção do Leitor e chega-se ao fim do livro com uma visão global do cenário político-religioso do tempo do fim, e com a certeza de que está próximo o fim da história do nosso mundo. Se o Leitor deseja estar preparado para os eventos que estão profetizados em Apocalipse 13, e que, em breve, ocorrerão, então não hesite em adquirir este livro. As suas 307 páginas valem bem o seu preço. ✦



Paulo Lima

Editor da Revista Adventista



# O conceito de perfeição em Cristo

**E**m geral, as pessoas gostam de fazer as coisas na perfeição e também gostam de ver perfeição na vida dos outros. Por um lado, isso é excelente, mas fazer sempre as coisas benfeitas em qualquer área da nossa vida é uma tarefa impossível que ultrapassa a capacidade humana. Muitas pessoas, que se orientam pela ideia do perfeccionismo, procuram ser perfeitas praticamente em tudo o que fazem, mas, muitas vezes, caem em pensamentos de depreciação e desvalorização pessoal, quando não atingem o ideal almejado.

Esta situação, na maior parte das vezes, pode tornar-se patológica ao ponto de a pessoa deixar de fazer muitas coisas que fazia antes e que lhe

davam sentido à vida. De facto, o perfeccionismo consiste na busca patológica de padrões tão elevados que são inatingíveis. Pode aparecer associado

com a depressão, a ansiedade, o stress e as perturbações alimentares. O perfeccionista sente que, se cometer um erro, põe tudo a perder na sua vida e na vida dos outros. A grande premissa motivadora do perfeccionista é ser perfeito para que as pessoas gostem dele. Um pensamento mais equilibrado devia levar-nos a defender que, em termos profissionais, académicos, desportivos e relacionais, as pessoas não necessitam de fazer tudo na perfeição, pois nem tudo na vida tem o mesmo grau de importância.

No entanto, é verdade que, quando se fala da fé em Jesus Cristo e da religião cristã, é exigida perfeição aos filhos de Deus.

Mas é importante descobrir o que a Bíblia diz sobre “ser-se perfeito”. Nos dias de hoje, falar contra o perfeccionismo doentio adotado por alguns crentes é correr o risco de ser mal interpretado e, até, acusado de não crer na santificação, num estilo de vida saudável, nem de dar importância à saúde, à maneira de vestir, à forma de comportar-se na igreja. Portanto, é-se acusado de adotar um modelo de Cristianismo frouxo e sem compromisso com a Palavra de Deus. Para mostrar que o perfeccionismo é uma atitude espiritual errada é importantíssimo perceber o que Deus quer dizer quando pede perfeição e santidade aos Seus filhos.

### A perfeição cristã em amor

É importante entender o texto de Mateus 5:48 dentro do seu contexto: “Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste.” O sentido do termo “perfeito”, em Mateus 5:48, é simples. Deus exige de nós perfeição no amor ao nosso semelhante, na nossa esfera de ação, como Deus é perfeito em amor na Sua. Deus deseja de nós o serviço mais perfeito que nos é possível oferecer-Lhe. A palavra grega que é traduzida em português por “perfeito” é *teleios*. Esta palavra significa “maduro”, “completo”, sendo aplicada a alguém que atingiu o alvo proposto. Em I Coríntios 14:20, Paulo emprega o termo *teleioi* para denotar homens perfeitos física e intelectualmente. Ellen White, no seu livro *Parábolas de Jesus*, afirma: “O objetivo da vida cristã é a frutificação, a reprodução do caráter de Cristo no crente” (p. 67). E, mais adiante, escreve: “Cristo aguarda com fremente desejo a manifestação de Si mesmo na Sua Igreja. Quando o caráter de Cristo se reproduzir perfeitamente no Seu

povo, então virá para reclamá-los como Seus” (p. 69).

Todo o contexto das passagens mencionadas, incluindo Mateus 5:48, está a falar do serviço ao próximo, do interesse na sua salvação, de nos esquecermos de nós mesmos e de ajudarmos os outros. Então, dentro desse contexto, o Cristão perfeito é aquele que ama o próximo e se preocupa com as pessoas, ministrando às suas necessidades físicas, emocionais e espirituais, da mesma forma que Jesus não viveu para Si, mas em função dos outros.

Neste caso, é exigida aos crentes uma vida de serviço exemplar. Os filhos de Deus que não estejam dispostos a sair da sua zona de conforto pessoal e a realizar o trabalho que Cristo realizou aqui na Terra não podem, jamais, ser considerados perfeitos como Jesus, pois Cristo era visto entre as pessoas, sentindo as suas necessidades e atendendo-as com amor e desprendimento. Jesus tinha pressa em proclamar o Reino de Deus. Ele vivia “ensinando nas suas sinagogas e pregando o evangelho do reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo” (Mateus 4:23).

Deus convida-nos a socorrermos as pessoas que necessitam da nossa ajuda através dos dons do Espírito Santo que cada crente recebeu e pode usar. Nem Deus, nem a Sua Igreja necessitam de crentes que se colocam em evidência para dizerem aos outros crentes aquilo que estes necessitam de fazer. Deus precisa de discípulos verdadeiros, que estejam dispostos a servir as pessoas que necessitam do pão da Terra e do Céu. Deus pede pessoas “perfeitas em amor ao próximo”. Deus necessita de discípulos “perfeitos” em amor.

Outros textos da Bíblia são mencionados para mostrar a per-

feição que Deus requer dos Seus filhos em vários aspetos da vida (na ética, na moral e na espiritualidade) que decorrem dos nossos relacionamentos com as pessoas e com Deus. Em Hebreus 5:14 Paulo afirma que o “mantimento sólido é para os perfeitos, os quais já pelo costume têm os sentidos exercitados para discernir o bem e o mal”. Em I Coríntios 2:6 e Filipenses 3:15 é afirmado o mesmo, e, em Tiago 1:4, o termo “perfeito” aplicado ao crente significa o mesmo que “completo” na maneira de viver. A ideia da perfeição bíblica é simples: o crente, que verdadeiramente é nascido de novo, já não vive na prática dos pecados da velha vida, relaciona-se respeitosamente com as pessoas e cumpre os seus compromissos com a sociedade de forma exemplar.

### A perfeição bíblica requer humildade

Os filhos de Deus, que estão a lutar contra as tentações diárias e a vencer as suas tendências pecaminosas, não fazem qualquer proclamação de santidade, mas buscam-na diariamente. “Eles estão famintos e sedentos de justiça. O pecado parece-lhes excessivamente pecaminoso” (Ellen White, *Santificação*, p. 10). Ellen White escreve também: “Enquanto Satanás reinar, teremos de nos subjugar a nós próprios e vencer os pecados que nos assaltam. Enquanto durar a vida não haverá nenhum momento de repouso que possamos atingir, a ponto de dizer: ‘Alcancei tudo completamente.’ A santificação é o resultado de uma obediência que dura toda a vida” (*Atos dos Apóstolos*, p. 401, ed. P. SerVir).

Ellen White pregou um sermão em Santa Rosa, Califórnia, no dia 7 de março de 1885, no qual disse algo interessante. Cito parte do sermão: “Diz João, ao falar do



O CRISTÃO PERFEITO É AQUELE QUE AMA O PRÓXIMO E SE PREOCUPA COM AS PESSOAS, MINISTRANDO ÀS SUAS NECESSIDADES FÍSICAS, EMOCIONAIS E ESPIRITUAIS, DA MESMA FORMA QUE JESUS NÃO VIVEU PARA SI, MAS EM FUNÇÃO DOS OUTROS.

enganador que faz grandes prodígios: Ele fará uma imagem à besta e induzirá todos a receberem o seu sinal. Considerarão este assunto? Examinem as Escrituras e vejam. Aparecerá um poder que opera prodígios; e isto se dará quando os homens estiverem a alegar santificação e santidade, a exaltar-se cada vez mais e a gabar-se a si mesmos. Olhem para Moisés e para os profetas; olhem para Daniel, José e Elias. Olhem para estes homens, e apresentem-me uma frase em que eles afirmam ser sem pecado. A alma que está em íntima ligação com Cristo, contemplando a sua pureza e excelência, prostrar-se-á diante d'Ele com humildade. Daniel era um homem ao qual Deus concedera grande habilidade e erudição, e quando ele jejuou, o anjo foi ter com ele e disse: 'És mui amado.' E ele prostrou-se aos pés do anjo. Daniel não disse: 'Senhor, tenho sido muito fiel a Ti e realizei tudo o que era possível para honrar-Te e defender a Tua palavra e o Teu nome.' Por que razão tantos se dizem santos e sem pecado? É porque estão muito longe de Cristo. Eu nunca ousei afirmar semelhante coisa. Desde o tempo em que tinha 14 anos, se eu sabia qual era a vontade de Deus, estava disposta a fazê-la. Mas nunca me ouviram dizer que sou sem pecado. Os que têm um vislumbre da beleza e do elevado caráter de Jesus Cristo, O Qual é santo e sublime, e cujo séquito enche o templo, jamais dirão

isso. Contudo, encontrar-nos-emos cada vez mais com aqueles que dirão tais coisas" (*Mensagens Escollidas*, vol. 3, p. 353).

### A perfeição bíblica envolve santidade

Deus ensina-nos que a vida cristã deve ser plena de vitórias em Cristo, envolvendo um constante afastamento do pecado e uma contínua aproximação de Jesus. Cada dia aparecem situações inusitadas que podem arruinar a vida do crente, pelo que devemos estar vigilantes para não sermos presas fáceis do inimigo. O apóstolo Paulo afirma que o processo de santificação vai durar até à volta de Cristo: "Tendo por certo isto mesmo, que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo" (Filipenses 1:6).

Jesus definiu a perfeição bíblica como o ato de estar ligado a Ele através da comunhão. Ele disse: "Estai em mim, e eu em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim. Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer" (João 15:4 e 5). Refletindo neste princípio, concluímos que o crente, que vive em plena comunhão com Cristo, é perfeito. Quando deixa essa comunhão torna-se imperfeito. O crente cortado da Videira comete pecados e perde a perfeição.

Assim, a comunhão diária e constante com Cristo é imprescindível na vida do crente para que ele obtenha a vitória sobre os pecados conhecidos. O crente convertido deve lançar mãos dos recursos do Céu, não só confessando os pecados passados, mas também abandonando a sua prática. E assim recebe a justiça comunicada de Cristo, que o habilita a vencer as

tentações, bem como a obedecer aos mandamentos divinos.

A perfeição bíblica exige do crente que ele se despoje das coisas do passado: “Mortificai, pois, os vossos membros, que estão sobre a terra: a fornicação, a impureza, a afeição desordenada, a vil concupiscência, e a avareza, que é idolatria. [...] Despojai-vos também de tudo: da ira, da cólera, da malícia, da maledicência, das palavras torpes da vossa boca. Não mintais uns aos outros, pois que já vos despistes do velho homem com os seus feitos, e vos vestistes do novo, que se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou” (Colossenses 3:5, 8-10).

O crente perfeito reveste-se dos atributos celestiais: “Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade; suportando-vos uns aos outros, e perdoadando-vos uns aos outros, se alguém tiver queixa contra outro; assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós também. E, sobre tudo isto, revesti-vos de amor, que é o vínculo da perfeição” (Colossenses 3:12-14).

### **A perfeição em Cristo comunica a certeza da salvação**

No Novo Testamento, a salvação é sinónimo do perdão dos pecados. Assim, todos os Cristãos deveriam ter certeza do perdão e, conseqüentemente, da salvação. Tanto o perdão como a salvação são oferecidos por Deus. Alguns crentes têm receio de falar sobre a certeza da salvação, porque julgam que isso, de alguma forma, representa um perigo para a humildade e um estímulo ao pecado. Gosto muito de saber que o Espírito Santo torna possível a crença da certeza da salvação. Encontramos

nos seguintes textos esta evidência: “Porque não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes em temor, mas recebestes o Espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai. O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus, e co-herdeiros de Cristo: se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados” (Romanos 8:15-17). “Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida. Estas coisas vos escrevi a vós, os que credes no nome do Filho de Deus, para que saibais que tendes a vida eterna, e para que creiais no nome do Filho de Deus” (I João 5:12 e 13).

Há muitos crentes que não têm plena certeza da salvação. Por outras palavras: essas pessoas não têm certeza de que os seus pecados foram perdoados, e certamente não podem dizer, com convicção, que estão salvas em Cristo. Quando fazemos a pergunta: “Tens a certeza da salvação?”, alguns respondem: “Gostaria de ter.” Estas pessoas mostram que não conhecem a Bíblia e não têm consciência do perdão de Deus. O problema não está em Deus, que salva, redime e comunica a certeza da salvação, mas sim na falta de fé do crente ou no seu desejo de continuar na prática de pecados que lhe são convenientes. Por outro lado, existem crentes arrogantes que estão também enganados em relação a este assunto. O Novo Testamento traz exemplos de pessoas que pensa-

vam que estavam salvas, mas, na verdade, estavam a enganar-se a si mesmas. A parábola do Fariseu e do publicano mostra isso (ver Lucas 18:9-14). O Fariseu confiava em si mesmo e não hesitou em aproximar-se de Deus, mas faltou-lhe o coração quebrantado do publicano arrependido.

Porque podemos ter a certeza da salvação? Primeiro, é preciso saber que as promessas da Palavra de Deus declaram a nossa salvação. Em João 3:36 lemos: “Por isso, quem crê no Filho tem a vida eterna.” Jesus não disse: “Quem crê em Mim talvez tenha a vida eterna.” Segundo, a perfeição da obra de Cristo assegura a nossa salvação. Quando Cristo morreu na cruz, pagou a penalidade de todos os nossos pecados. “Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida” (Romanos 5:10). Terceiro, porque o testemunho do Espírito Santo confirma a nossa salvação: “Em quem também vós estais, depois que

ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa; o qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão adquirida, para louvor da sua glória” (Efésios 1:13 e 14).

### A perfeição bíblica enaltece a natureza divina de Cristo

A Igreja Adventista do Sétimo Dia, nas doutrinas que defende, define a natureza do Homem como pecadora e a natureza de Cristo como santa. Nós herdamos a natureza de Adão depois da sua queda e Cristo vestiu a Sua divindade com a humanidade. Nós aceitamos que Cristo assumiu a natureza humana física enfraquecida por milhares de anos de pecado, mas que, nos aspectos espiritual e moral, Jesus recebeu a natureza de Adão antes da Queda. Jesus não tinha tendência

ou pendor para o pecado como nós temos. De acordo com Ellen White, “Cristo não tinha a mesma deslealdade pecaminosa, corrupta e decaída que nós possuímos” (*Mensagens Escolhidas*, vol. 3, p. 131), e “Jesus venceu Satanás na mesma natureza sobre a qual no Éden Satanás obteve a vitória” (*The Youth’s Instructor*, 2 de junho, 1898).

Caso Jesus tivesse herdado a natureza pecaminosa ou tivesse qualquer inclinação natural para o pecado, precisaria de um Salvador para Si mesmo e já não poderia ser o Salvador do mundo. Porquê? Porque o pecado não é apenas um ato, mas uma condição do ser humano. David afirmou: “Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe” (Salmo 51:5). Nós, sim, somos pecadores no nosso estado natural. “Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade



em nós” (I João 1:8). Deus criou o Homem à Sua imagem e semelhança, mas a imagem de Deus foi desfigurada, pois herdamos uma natureza caída e tornámo-nos sujeitos ao pecado e à morte. Os seguintes textos demonstram esta doutrina bíblica (Gênesis 1:26-28; 2:7; Salmo 8:4-8; Atos 17:24-28; Gênesis 3; Salmo 51:5; Romanos 5:12-17; II Coríntios 5:19 e 20).

### O poder de Deus permite ao crente alcançar a perfeição em Cristo

Nós reconhecemos que o pecado é ofensivo a Deus e afasta o Homem de Deus. Buscamos plena vitória sobre o pecado, reconhecendo que continuaremos com a natureza humana pecaminosa até ao dia em que “este corpo corruptível se revestir da incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir da imortalidade” (I Coríntios 15:54).

Entendemos que ter a natureza pecaminosa não implica que o crente deva viver na prática de pecados conhecidos, mas não eliminamos a possibilidade de ele, estando desligado de Cristo, vir a cair em pecados desconhecidos ou já praticados antes, necessitando assim de arre-





pendimento e de restauração, conforme I João 2:1: “Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo.”

A Inspiração, através dos escritos de Ellen White, mostra o caminho ascendente que o crente é convidado a galgar com a ajuda de Deus: “A vida cristã é uma constante marcha avante. Jesus coloca-Se como refinador e purificador do Seu povo; e quando a Sua imagem estiver perfeitamente refletida neles, eles estarão perfeitos e santos, e preparados para a trasladação. Exige-se do Cristão uma obra perfeita. Somos exortados a purificar-nos 'de toda a imundície da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus' (II Coríntios 7:1)” (*Conselhos para a Igreja*, p. 50).

“Cristo venceu as tentações de Satanás como homem. Toda a pessoa pode vencer como Cristo venceu. [...] Jesus, o Filho de Deus, humilhou-Se por causa de nós, suportou a tentação por nós, venceu em nosso favor para mostrar-nos como podemos ser vitoriosos. Ele ligou, assim, os

Seus interesses com a Humanidade pelos laços mais íntimos e deu a positiva certeza de que não seremos tentados além das nossas forças, pois juntamente com a tentação proverá livramento. [...] O Espírito Santo foi prometido para estar com os que lutassem pela vitória, em demonstração de todo o poder, dotando o instrumento humano de forças sobrenaturais e instruindo os ignorantes nos mistérios do Reino de Deus” (*Mensagens Escolhidas*, vol. 3, pp. 136 e 137).

Um dos relatos bíblicos que tornam mais clara a diferença entre a perfeição cristã e o perfeccionismo doentio é a parábola do Fariseu e do publicano, relatada em Lucas 18:9-14. Enquanto o Fariseu seguia orgulhosamente pelo caminho do perfeccionismo, o publicano avançava na vereda da perfeição em Cristo, considerando-se pecador e indigno. À semelhança do Fariseu, o crente perfeccionista patológico gaba-se das suas conquistas como algo que vem de si e não de Deus, enquanto o crente verdadeiro, à semelhança do publicano, atribui a Deus as suas conquistas e a salvação.

“CRISTO VENCEU AS TENTAÇÕES DE SATANÁS COMO HOMEM. TODA A PESSOA PODE VENCER COMO CRISTO VENCEU. [...] JESUS, O FILHO DE DEUS, HUMILHOU-SE POR CAUSA DE NÓS, SUPORTOU A TENTACÃO POR NÓS, VENCEU EM NOSSO FAVOR PARA MOSTRAR-NOS COMO PODEMOS SER VITORIOSOS.”

Na verdade, aqueles que estão no caminho da perfeição em Cristo já são considerados perfeitos em Cristo, conforme indica Filipenses 2:12-15; mas jamais se considerarão como tal, conforme nos diz I Timóteo 1:15. Além disso, enquanto os perfeccionistas são mais críticos dos outros do que de si mesmos, os que estão a ser santificados são mais rigorosos consigo mesmos. “E o mesmo Deus da paz vos santifique em tudo, e todo o vosso espírito, alma e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda do nosso Senhor Jesus Cristo” (I Tessalonicenses 5:23).

Assim, caro Leitor, coloque a sua fé em Cristo, progrida com Ele na senda da santificação e, graças a Cristo, será perfeito aos olhos de Deus. ✨

**Luís Carlos Fonseca**  
Pastor

# As sete cabeças da besta de Apocalipse 17

**S**empre que há uma sucessão papal, aparece um interesse renovado na enigmática profecia de Apocalipse 17:9-11 entre os estudiosos da profecia bíblica, dando origem a algumas propostas interpretativas bastante criativas.

Apocalipse 17 descreve, em tons vivos, uma besta com sete cabeças (v. 3). Subsequentemente, um anjo intérprete explica a João que estas cabeças representam sete reis consecutivos: cinco caíram, o sexto é e o sétimo rei ainda está para vir (v. 10). Quando ele vier, permanecerá por pouco tempo. Juntamente com um oitavo rei, a besta, na sua totalidade, enfrentará a destruição (v. 11).

Durante as últimas décadas, alguns intérpretes Adventistas associaram estas sete cabeças (reis) com sete

Papas sucessivos que reinaram desde 1929, o ano em que o Tratado de Latrão reconheceu a Cidade do Vaticano como um Estado independente e soberano. Durante algum tempo, João Paulo II, Sumo-Pontífice de 1978 a 2005, foi considerado o último Papa. No entanto, a sua morte levou à reinterpretação desta profecia. O facto de Bento XVI ter sido o sétimo Papa eleito desde 1929, e o facto de o seu pontificado ter durado um curto período de tempo (cerca de oito anos), levaram

alguns intérpretes a associá-lo com o sétimo rei; assim, o recém-eleito Papa Francisco é visto como o último Papa em exercício antes do fim do tempo.

De onde vieram estas ideias? Infelizmente, elas não foram obtidas a partir de um cuidadoso estudo do texto bíblico, mas sim de notícias passadas e atuais que foram distorcidas para se fazerem predições fictícias e sensacionalistas. Factos históricos e textos bíblicos foram criativamente misturados para se ajustarem a uma interpretação pré-concebida, que não tem apoio nos textos.

Na realidade, a ideia de que a cura da ferida papal ocorreu em 1929 é apenas uma suposição, e não um facto histórico. O ato de conceder ao Papado um pequeno Estado soberano independente dificilmente pode ser visto como o cumprimento da profecia, pois o



alcance desta é mundial, tal como descrito em Apocalipse 13:11-18. Embora o ano de 1929 possa marcar o começo da cura da ferida mortal, o facto de que se passaram 88 anos desde o Tratado de Latrão contradiz a ideia de que a ferida mortal do Papado foi curada.

Além do mais, a aplicação ao reinado de oito anos de Bento XVI da frase “um pouco de tempo” (Apocalipse 17:10), usada para descrever a duração do reinado do sétimo rei, ignora o pontificado ainda mais curto de João Paulo I, que governou a Igreja apenas 34 dias, antes de morrer, em 1978. Muitas outras inconsistências como esta tornam espúria e inconclusiva esta teoria sobre os “sete reis” de Apocalipse 17.

Portanto, convido-o a juntar-se a mim numa investigação de Apocalipse 17:9-11, de modo a descobriremos o significado que Deus imprimiu nesta enigmática passagem.

### A prostituta sentada sobre a besta

Apocalipse 17 é composto de duas partes: (1) a visão (17:16a), em que João observa uma mulher que é descrita como sendo uma prostituta que monta uma besta; e (2) a audição (17:6b-18), em que o anjo intérprete explica a João o significado da visão da prostituta e da besta em que ela se senta.

Na visão, João é convidado a testemunhar o julgamento da grande prostituta que se senta sobre as muitas águas, enganando

do sedutoramente os habitantes da Terra (vv. 1 e 2). Esta mulher é depois identificada como sendo “Babilónia, a grande, a mãe das prostitutas” (v. 5). Nas Escrituras hebraicas, uma prostituta representa simbolicamente o povo de Deus na sua apostasia (Isaías 1:21; Jeremias 3:1; Ezequiel 16; 23; Oseias 3 e 4). O retrato da prostituta, em Apocalipse 17, mostra que ela representa uma entidade que, no passado, foi fiel a Deus, antes de se colocar do lado do adversário de Deus e contra o Seu fiel remanescente no tempo do fim. Babilónia é, assim, um nome corporativo para uma entidade apóstata do tempo do fim.

Note que a prostituta é primeiramente descrita como estando sentada “sobre muitas águas” (v. 1); no entanto, quando João realmente a vê, ela está sentada sobre uma besta escarlate (v. 3). Isto não nos deve surpreender, na medida em que este mecanismo literário ocorre regularmente em Apocalipse (veja Apocalipse 5:5 e 6). Portanto, as águas e a besta são dois símbolos que representam a mesma realidade. Segundo Apocalipse 17:5, as águas sobre as quais estava a prostituta simbolizam os poderes civis, seculares e políticos do

mundo. Jeremias 51:3 mostra que as “muitas águas” referem-se ao rio Eufrates. Tal como a antiga Babilónia dependia do rio Eufrates para existir, também a Babilónia do tempo do fim depende dos poderes civis, seculares e políticos do mundo para impor os seus planos e propósitos.

Além do mais, a besta surge como um símbolo de um poder ou sistema político. O facto de a prostituta Babilónia se sentar (ou montar) sobre a besta mostra que este sistema religioso terá controlo sobre estes poderes políticos mundiais no fim do tempo. Assim, a profecia mostra-nos que, no fim do tempo, haverá uma união político-religiosa quando os poderes políticos da Terra se unirem com o sistema religioso apóstata do tempo do fim chamado “Babilónia”.

### As três fases da besta

Na segunda parte do capítulo 17, João fica grandemente surpreendido quando vê a prostituta. Ele reconhece-a como a mulher que tinha fugido para o deserto, de modo a escapar à perseguição do dragão durante o período de 1260 dias proféticos decorrido ao longo da Idade Média (Apocalipse 12:13 e 14). Em resposta ao espanto de

João, o anjo intérprete promete revelar o “mistério” da prostituta e da besta escarlate que a transporta, bem como as suas funções no tempo do fim (Apocalipse 17:7).

João descreve a besta como aquela que “foi e já não é, e há de subir do abismo” (v. 8). Esta identificação da besta traz à mente o título divino “que era, e que é, e que há de vir” (Apocalipse 4:8). Assim, este título identifica a besta como uma paródia de Deus. No entanto, esta fórmula tripartida também mostra que a besta passou por três fases de existência. Isto, por sua vez, liga a besta escarlate de Apocalipse 17 à besta do mar de Apocalipse 13 (compare Apocalipse 13:1 com 17:3).<sup>1</sup>

Primeiro, a besta “era”. Por outras palavras, esta besta existiu no passado. A fase “era” da besta refere-se às suas atividades durante o período profético de 1260 dias/anos (Apocalipse 13:5). O ano 538 d.C. marcou o começo deste período profético, quando a Igreja da Europa Ocidental, conduzida pelo Papado romano, se estabeleceu como um poder eclesiástico e dominou o mundo ocidental durante toda a Idade Média. Neste tempo que é o nosso, caracterizado pela tolerância religiosa, tais afirmações podem ser olhadas como duras e injustas; mas a realidade presente não pode apagar os factos históricos.

Além do mais, a besta entrou na sua fase de “não é” em 1798 quando, como resultado dos acontecimentos da Revolução Francesa, ela sofreu a sua ferida mortal (Apocalipse 13:3). Isto acabou com o poder político opressivo da Igreja. A besta desapareceu por algum tempo da cena mundial, mas sobreviveu.

Terceiro, com a cura da ferida mortal, a besta ressuscitará, animada por uma imensa cólera satânica.



nica contra o fiel povo de Deus. A profecia mostra, assim, que o sistema político-religioso opressivo que dominou o mundo durante a Idade Média será reavivado no tempo do fim e dominará o mundo, tal como o fez no passado. Este reviver da besta encherá os habitantes do mundo de espanto e admiração (Apocalipse 13:8; 17:8b).

Portanto, Apocalipse 17 descreve claramente a besta do mar de Apocalipse 13 num tempo em que a sua ferida mortal foi curada. É sobre esta besta ressuscitada que João vê sentada a prostituta Babilónia do tempo do fim. Assim, o sistema religioso do tempo do fim que irá desempenhar um papel-chave no conflito final é a continuação do poder político-religioso que perseguiu e oprimiu o povo de Deus durante o período de 1260 dias proféticos decorrido ao longo da Idade Média.

Apocalipse diz-nos, assim, que a religião voltará a dominar e a controlar a política, tal como fez no passado, ainda que por um curto período de tempo. No entanto, há uma notória diferença entre o seu poder durante o período medieval e durante o tempo do fim. Enquanto a besta do mar, representando a Igreja medieval, era um poder político-religioso, a besta escarlate é exclusivamente um poder político. Estes dois poderes estão separados no fim do tempo.

### **As sete cabeças da besta**

Isto traz-nos de volta à passagem-chave de Apocalipse 17:9-11: “Aqui há sentido, que tem sabedoria. As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está assentada; e são também sete reis; cinco já caíram, e um existe; outro ainda não é vindo; e, quando vier, convém que dure um pouco de tempo. E a besta que era, e já não

é, é ela, também, o oitavo, e é dos sete, e vai à perdição.”

O texto abre com um apelo à “sabedoria” como pré-requisito para se compreender o significado das cabeças da besta. A sabedoria que João reclama aqui é a mesma sabedoria de que se falou em relação ao número da besta (Apocalipse 13:18). Esta sabedoria refere-se ao discernimento espiritual que pode ser comunicado apenas pelo Espírito Santo, e que não é obtido através de capacidades intelectuais brilhantes (Tiago 1:5). Apenas através desta sabedoria divinamente comunicada é que os fiéis poderão discernir o verdadeiro carácter deste poder satânico do tempo do fim.

Ao avançarmos, podemos ver que a besta tem sete cabeças como o dragão vermelho (i.e., Satanás) de Apocalipse 12:3. A existência da besta é inseparável das suas cabeças. Ao longo da História, a besta tem

governado e estado ativa através da ação das suas cabeças. Quando uma das cabeças recebe um golpe mortal, toda a besta morre (cf. Apocalipse 13:12-14). Isto conduz-nos à necessidade de examinarmos mais de perto o que representam estas cabeças.

“As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está assentada” (Apocalipse 17:9). Vemos que é adicionado aqui um novo símbolo. Inicialmente, fomos dito que a mulher se sentava sobre “muitas águas” (v. 1) e, depois, sobre a besta escarlate (v. 3); agora, o anjo explica que ela está realmente sentada sobre sete montanhas. As águas, a besta e as montanhas são diferentes símbolos para se representar os poderes cívicos, seculares e políticos (cf. v. 15) que fornecerão o apoio popular a Babilónia, o sistema religioso apóstata do tempo do fim. Devemos ter presente que Apocalipse não lida com personalidades individuais, sejam elas passadas ou presentes, mas sim com sistemas e poderes globais – sejam eles políticos ou religiosos.

A palavra grega *oros* significa “montanha”, não “colina”, como sugerem alguns tradutores, para mostrarem que a cidade de Roma, situada sobre as sete colinas, é aqui referida. No entanto, dado que as sete montanhas, em Apocalipse 17, são sucessivas, elas não podem ser interpretadas de uma forma literal. No Antigo Testamento, as montanhas representam frequentemente poderes ou impérios mundiais (Jeremias 51:25; Ezequiel 35:2-5; Daniel 2:35). Por exemplo, o reino de Judá no Antigo Testamento é frequentemente

referido como sendo o Monte de Sião (Salmo 48:1-3; Isaías 29:8).

O anjo não se refere, claramente, a montanhas literais, dado que explica imediatamente a João que estas sete montanhas representam realmente “sete reis” (Apocalipse 17:10). No entanto, estes não podem ser interpretados como sendo reis individuais, pelo menos por três razões. Primeira, já provámos que Apocalipse não lida com personalidades individuais, mas com sistemas. Segunda, estes sete reis são correlacionados com sete montanhas – um símbolo de reinos ou impérios. Terceira, no Antigo Testamento, o termo “reis” é outra designação para reinos ou impérios (Daniel 2:37-39; 7:17).

#### As sete cabeças como impérios sucessivos

Com base nas provas bíblicas, a interpretação que faz mais sentido é a que defende que as sete montanhas, sobre as quais se senta a prostituta Babilónia, representam sete impérios sucessivos, que dominaram o mundo ao longo da História, e através dos quais Satanás operou para se opor ao povo de Deus.<sup>2</sup> Estes impérios possuíam traços comuns de governo político-religioso coercivo, que usaram para prejudicar e perseguir o povo de Deus.

Como explica o anjo a João a partir da sua perspectiva temporal, cinco destes reinos caíram, um é e o sétimo apareceria algures no futuro. Tal como foi referido anteriormente, este texto criptico gerou numerosas explicações especulativas, sobretudo porque os intérpretes falharam em notar que o significado destes reinos sucessi-

vos foi explicado a João no contexto do seu próprio tempo – não do nosso. Em nenhum lugar no texto é indicado que João foi transportado para um outro tempo; o anjo simplesmente explica-lhe o que ele já tinha visto anteriormente na visão.

Portanto, a chave para decodificar o significado destas sete cabeças encontra-se no sexto reino, que é descrito como aquele que “é”. Este “é” refere-se ao tempo de João. João viveu no tempo da sexta cabeça – o Império Romano. As cinco cabeças que já tinham caído foram, portanto, os impérios que governaram o mundo e prejudicaram o povo de Deus antes do tempo de João: (1) O Egito foi o poder mundial que escravizou e oprimiu Israel, procurando destruí-lo; (2) A Assíria destruiu e dispersou as dez tribos de Israel; (3) Babilónia destruiu Jerusalém e exilou Judá; (4) A Pérsia quase aniquilou os Judeus no tempo de Ester; (5) A Grécia oprimiu e tentou destruir os Judeus através de Antíoco Epifânio. O sétimo reino que “ainda não é vindo” refere-se ao Papado medieval, que, da perspectiva de João, se manifestaria no futuro – depois da queda do Império Romano.

O anjo explica também que a própria besta escarlate é uma parte da fase da oitava cabeça, o poder mundial que deve surgir no tempo do fim. No entanto, a oitava cabeça é uma das sete cabeças anteriormente referidas. Embora esta oitava cabeça seja uma das sete anteriores, ela é considerada um novo poder. Qual dos sete poderes? Muito provavelmente o poder representado pela sétima



cabeça, que sofreu antes a ferida mortal, mas que volta à vida depois de a ferida ter sido curada.

Este sétimo poder irá reaparecer como uma oitava cabeça no tempo do fim e irá exercer a mesma autoridade que exerceu durante a Idade Média. Durante o tempo da oitava cabeça, a besta escarlate transporta a prostituta Babilónia. Nós vivemos na era da sétima cabeça, pois a oitava cabeça ainda não alcançou o poder. No entanto, ela irá aparecer na cena mundial no tempo do fim e imporá o seu domínio sobre os habitantes da Terra.

### “E, quando vier, convém que dure um pouco de tempo”

As atuais falsas interpretações desta frase têm-na interpretado como significando que o sétimo Papa reinará durante um curto período de tempo. O adjetivo grego traduzido por “pouco tempo” é *oligon*, que significa “pouco tempo” ou “um pouco”. Esta palavra é diferente de *micron*, usado em Apocalipse para indicar um tempo curto (veja Apocalipse 6:11; 20:3). Em contraste, *oligon* não indica um período mais ou menos extenso de tempo, mas é usado num sentido

qualitativo. Por exemplo, Apocalipse 12:12 afirma que, tendo sido expulso do Céu, Satanás percebe que tem apenas “um pouco de tempo” [*oligon kairon*]. Este “pouco tempo” não se refere a uma extensão de tempo, pois há já milhares de anos que Satanás foi expulso do Céu. Trata-se de uma forma de dizer que o tempo de Satanás é limitado, tal como acontece com uma pessoa sentenciada à morte, que percebe que tem apenas “um pouco de tempo”, apesar do facto de a execução ocorrer apenas muitos anos mais tarde.

Este mesmo significado da palavra grega *oligon* encontra-se em Apocalipse 17:10. O facto de o sétimo poder ter de permanecer durante um curto período de tempo não indica uma extensão de tempo – um curto período de existência; em vez disso, é um modo diferente de afirmar que a existência deste poder é determinada por Deus (“convém que dure”) e certamente chegará ao seu fim, como no caso de Satanás, em Apocalipse 12:12. O sétimo poder receberia uma ferida mortal: um acontecimento que ocorreu em 1798, durante os eventos originados pela Revolução Francesa.

### Conclusão

Esta breve análise mostra que as sete cabeças sucessivas da besta de Apocalipse 17 representam sete reinos ou impérios que existiram historicamente, e não sete reis individuais: cinco existiram antes do tempo de João, o sexto foi Roma (no tempo de João) e o sétimo foi o Papado medieval que viria no futuro de João. Esta compreensão das sete cabeças da besta escarlate é baseada numa cuidadosa análise textual fundada nos princípios da hermenêutica bíblica. A ideia de que as sete cabeças se referem a reis individuais, que representariam os sete Papas desde 1929, não concorda com o sentido do texto. Tal interpretação é especulativa e projetada no texto bíblico. ✦

Ranko Stefanovic, Teólogo

Retirado da Revista *Ministry* de dezembro de 2013.

1. Para uma perspectiva diferente, veja-se Ekkehardt Mueller, “The Beast of Revelation 17: A Suggestion (Part 1)”, *Journal of Asia Adventist Seminary* 10, nº 1 (2007): 38-40.
2. William Johnsson, “The Saints' End-Time Victory Over the Forces of Evil”, in *Symposium on Revelation – Book 2*, Daniel and Revelation Committee Series 7 (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1992), 17.



## BATISMOS NA PRAIA FLUVIAL DE PRADO

**Paulo Neves**  
Pastor da IASD de Braga

“E agora porque te deténs? Levanta-te, e bati-za-te, e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor” (Atos 22:16). No dia 18 de março de 2017, durante uma cerimónia batismal realizada pelo Pastor Paulo Neves, no ambiente natural da belíssima praia fluvial de Prado, grande alegria inundou o coração dos vários membros e visitas que se deslo-

caram ao local. Dois jovens, o Fernando Bernardino e o Joel Neves, quiseram testemunhar do seu amor pelo Salvador Jesus e frisar, perante o Céu e todos os presentes, que, mais do que qualquer outra coisa nesta vida, desejam estabelecer uma aliança com o Senhor. Foi com satisfação que presenciámos o testemunho emocionante destes dois jovens, especialmente numa época em que a juventude busca o prazer momentâneo e a felicida-

de terrena. Em resposta ao apelo pastoral para um futuro batismo, levantaram-se doze pessoas, expressando assim a sua fé no Criador e o seu desejo de também serem batizadas por imersão. Naquela água fria do Rio Cávado, o Fernando e o Joel quiseram morrer para o pecado e ressuscitar para uma nova vida em Cristo. Que o Santo Espírito os guarde e que eles, assim como os seus familiares e amigos, se preparem para o lar eterno. ✨



## SEMANA DE ORAÇÃO DE JOVENS EM BRAGA

**Eduarda Moita**  
Departamento de Comunicação da IASD de Braga

De 11 a 18 de março de 2017, decorreu na igreja Adventista de Braga a Semana de Oração JA, sob o tema “Revolução, a Reforma que mudou o mundo”. Vivemos numa época em que se torna fundamental realçar a importância da Reforma no processo de regresso do povo de Deus à verdade bíblica, especial-

mente na redescoberta da verdade da salvação unicamente pelos méritos de Cristo. Este tão importante tema suscitou o interesse dos membros e de algumas visitas da igreja de Braga, que se traduziu numa afluência diária de cerca de 50 pessoas. A Semana de Oração teve a participação dos jovens em momentos especiais e culminou numa Santa Ceia, procurando-se desta forma renovar a nossa entrega ao Senhor,

reafirmar a aceitação do Seu sacrifício salvífico por cada um de nós e promover o fortalecimento dos laços fraternais. Agradecemos a Deus as bênçãos que nos trouxe nesta semana através das mensagens transmitidas pelo orador, Moisés Silva. Servindo-se de Martinho Lutero, Jesus acendeu uma luz – a da graça da Salvação – que o mundo tem procurado apagar gradualmente, mas que se manterá viva até à Sua vinda. ✨

## DISTRIBUIÇÃO DO LIVRO MISSIONÁRIO EM ALMADA

**Rúben Lima**  
Departamento de Comunicação da IASD de Almada

No dia 8 de abril, a igreja Adventista do Sétimo Dia de Almada distribuiu o Livro Missionário de 2017, intitulado *História da Esperança*. No culto foi pregado o sermão destinado a incentivar os membros a participarem na distribuição. Esta ocorreu às 16:00 horas. Estava presente uma boa parte dos membros, destacando-se entre eles os Tições e Desbravadores devidamente fardados. Havia cerca de 1000 livros para distribuir, pelo que foram organizados cinco grupos, cada um dos quais recebeu 200 livros para partilhar com o público. Passada hora e meia, todos estavam de volta à igreja de Almada, satisfeitos com a oportunidade de terem feito algo pela causa de Deus na sua cidade. Houve algumas experiências interessantes e não foram encontradas quaisquer dificuldades ao se oferecer o livro aos habitantes de Almada. Num dos contactos efetuados, a pessoa que recebeu o livro aceitou estudar a Bíblia conosco. Noutro contacto, uma jovem que estava a estudar a Bíblia por si mesma ficou muito grata por receber um recurso que a ajudaria a compreender melhor o Plano da Salvação de que falam as Escrituras. Estamos a orar pelas pessoas que receberam os nossos livros, para que venham a contactar a Igreja em busca de mais esclarecimentos. Maranata! ✨



## GAIN EUROPE 2017

**Jorge Duarte**

Diretor do Departamento  
de Comunicação da UPASD

O Encontro Europeu de Comunicação, com a sigla *GAIN Europe 2017* (*Global Adventist Internet Network – Europe*), teve lugar no Newbold College, entre os dias 23 e 27 de março. Portugal, para além do Diretor de Comunicação da UPASD, fez-se representar pela equipa que trabalha na Rádio RCS e no *Hope Channel* Portugal.

Este encontro permitiu que as duas Divisões da Igreja Adventista do Sétimo Dia na Europa – a Divisão Inter-Europeia



(EUD) e a Divisão Trans-Europeia (TED) – se juntassem, proporcionando a realização de um encontro com vários especialistas na área da Multimédia. Williams Costa Júnior (Conferência Geral), Victor Hulbert (TED) e Corrado Cozzi (EUD) foram os anfitriões que acolheram mais de 120 participantes que vieram partilhar e obter conhecimentos sobre as várias formas possíveis de comunicar Cristo usando os diferentes meios de comunicação. Baseadas nos

500 anos de legado que a Reforma nos deixou, as conferências *GAIN* tiveram como tema principal “REformation and REvolution”. A ideia era partilhar as diferentes formas de levar o Evangelho eterno à geração *Pokemon Go* e a todos os nativos digitais do século XXI. Foram realizadas várias sessões plenárias e também vários *workshops*, nos quais cada participante pôde enriquecer os seus conhecimentos sobre o modo como a fé, os Média e a sociedade inte-

ragem 500 anos depois de Martinho Lutero. O *GAIN Europe 2017* teve ainda outro destaque muito relevante. Concordou-se que todos os países que fazem parte da nossa Divisão trabalhem juntos, criando boas parcerias, e que cada Centro de Produção Multimédia tenha uma estrutura integrada: *HopeMedia*, *HopeTV*, *HopeRadio* e *HopeBible*. Para Jorge Duarte, Diretor de Comunicação da UPASD, “este encontro de Comunicação foi muito importante, pois permitiu a partilha de muitas e boas ideias sobre como comunicar a mensagem do Advento, bem como expressou o desejo de todos os países que têm a marca *Hope Channel* de poderem construir uma estrutura sólida, capaz de dar resposta às oportunidades para testemunhar de Jesus”. ✨

## A IGREJA ASD NA SUÉCIA RECEBE O “PRÉMIO VEGO”

**ANN/RA**

A Igreja Adventista do Sétimo Dia na Suécia recebeu um prémio, conferido pela Associação Vegetariana Cristã, pela sua ênfase na promoção de uma dieta vegetariana. O prémio foi atribuído no dia 5 de março de 2017. Este prémio é concedido a uma organização ou pessoa que tenha sido impulsionada pela sua fé cristã a fazer algo de positivo pelos animais. Aqueles que recebem este prémio são usualmente conhecidos por esclarecerem o público sobre o modo como a alimentação afeta os seres humanos, os animais e o meio

ambiente. A Associação Vegetariana Cristã louvou a nossa Igreja por “discutir persistentemente o vegetarianismo num quadro cristão”. “Ficámos agradavelmente surpreendidos pelo prémio”, disse Göran Hansen, Presidente da União Sueca dos Adventistas do Sétimo Dia, que aceitou o prémio na convenção anual da Associação que o atribuiu.

Durante a cerimónia de entrega do prémio, os representantes da Associação Vegetariana Cristã sublinharam que “vários movimentos cristãos revivalistas formaram-se durante a segunda metade do século XIX e propuseram-se contribuir para um estilo de vida mais saudável. Uma parte deste estilo consistia em defender uma dieta vegetariana. A posição mais clara sobre esta questão foi, e ainda é, tomada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia”.

Durante muitos anos, o Conselho de Saúde da nossa



Igreja na Suécia tem vindo a oferecer o programa “Saudável e Esperto”, que inclui bufetes vegetarianos, cursos de cozinha vegetariana e palestras sobre saúde e nutrição. Hansen disse

que, desde a entrega do prémio, foi frequentemente interrogado sobre a fé e o estilo de vida Adventistas e teve a oportunidade de distribuir livros e outros recursos Adventistas. ✨



# Pode a religião influenciar a saúde?

Os cientistas estão, desde há muito, interessados nos efeitos que as crenças religiosas e o comportamento religioso têm na saúde física e mental. Alguns deles acreditavam que a religião teria uma decisiva influência negativa sobre a saúde, enquanto outros prediziam que a religião poderia promover a saúde – pelo menos sob certas condições.

Hoje, mais de 1000 estudos já examinaram a relação entre alguns aspetos das crenças e do comportamento religiosos e alguns indicadores de saúde. A maior parte dos estudos foi feita nos Estados Unidos da

América e focaram-se em denominações cristãs, mas muitos estudos realizados, em número crescente, noutros países, também se focaram em pessoas de outras tradições religiosas. A vasta maioria destas

investigações científicas descobriu que as pessoas que são mais religiosas têm melhor saúde física e mental do que aquelas que são menos religiosas.

Por exemplo, a pesquisa descobriu que vários aspetos de envolvimento religioso estão associados com níveis mais baixos de pressão sanguínea. Um estudo realizado pelo Dr. Harold Koenig e pelos seus colegas concluiu que indivíduos que frequentam os cultos religiosos, oram frequentemente e estudam a Bíblia regularmente têm uma pressão sanguínea mais baixa do que aqueles que não se envolvem nessas ativi-

dades. Do mesmo modo, um estudo realizado no Kuwait descobriu que os Muçulmanos Sunitas ou Xiitas devotos têm níveis de pressão sanguínea mais baixos do que aqueles que são menos religiosos. Outros estudos revelaram que um nível alto de envolvimento religioso também está associado com um melhor funcionamento do sistema imunitário.

A religião revelou ainda ter efeitos positivos e protetores em múltiplos critérios de saúde mental. Os estudos mostraram que a religiosidade está associada à existência de menos sintomas de depressão e de ansiedade; menor comportamento suicida; níveis mais baixos de uso de drogas e de desordens psicológicas ligadas à ansiedade; e maior bem-estar psicológico.

As provas científicas mais fortes e mais consistentes estão ligadas à frequência dos cultos religiosos. Mais de 100 estudos estabeleceram que, quanto mais regularmente as pessoas vão à igreja ou a outros templos, menor é o seu risco de morte. Este padrão existe no caso de muitas e diferentes doenças, mas é mais evidente no caso da doença cardiovascular. Por exemplo, o Dr. Robert Hummer e os seus colegas realizaram um estudo nacional nos Estados Unidos da América com mais de 21 000 adultos, que tiveram a sua saúde monitorizada durante oito anos. O estudo revelou que as pessoas que nunca frequentavam cultos religiosos tinham quase duas vezes mais probabilidades de morrer do que aqueles que frequentavam os cultos uma vez por semana. Este efeito protetor da frequência religiosa traduz-se em marcadas diferenças no que toca à esperança de vida, sendo que os indivíduos que frequentam os cultos mais de uma vez por semana viviam 7,6 anos mais, a partir da

idade de 20 anos, do que aqueles que nunca iam à igreja. A vantagem no que toca à esperança de vida para os Afro-Americanos era de quase 14 anos.

Uma revisão dos estudos sobre frequência religiosa e mortalidade conduzida pelo Dr. Daniel Hall concluiu que frequentar os cultos semanalmente aumenta a esperança de vida em mais dois ou três anos. Em comparação, o estudo mostrava que o exercício físico aumenta a esperança de vida em três a cinco anos e tomar medicamentos para reduzir o colesterol aumentava a esperança de vida em dois anos e meio a três anos e meio.<sup>1</sup>

#### Por que razão a religião afeta a saúde

Os investigadores também tentaram perceber com exatidão a razão por que o envolvimento religioso promove a saúde. Esta pesquisa identificou muitos aspetos das crenças e dos comportamentos religiosos que têm impacto na saúde.

Comportamentos saudáveis são vias importantes através das quais a religião pode afetar a saúde. Estudos sobre os Mórmones e os Adventistas do Sétimo Dia têm provado a existência de menor ris-

co de doenças cardíacas, cancro e outras doenças nestes dois grupos do que na população em geral. Este risco menor está ligado a práticas de saúde específicas desses dois grupos. Por exemplo, a pesquisa sobre os Adventistas mostrou o efeito negativo que a carne e o consumo de produtos lácteos têm no desenvolvimento de doenças cardíacas e de cancros específicos, bem como os efeitos benéficos de se consumir nozes e manter um baixo índice de peso corporal.

Entretanto, a pesquisa em adultos e adolescentes revelou que os indivíduos que são religiosos têm um perfil muito melhor no que toca a muitos comportamentos saudáveis, incluindo comportamentos para os quais não há um ensino religioso específico.

Por exemplo, um estudo nacional de alunos finalistas do ensino secundário que frequentam escolas públicas e privadas nos Estados Unidos da América concluiu que os estudantes religiosos tinham mais propensão do que os seus colegas não religiosos para tomar o pequeno-almoço e comer vegetais e frutas, praticar regularmente exercício, usar os cintos de segurança e dormir pelo menos sete horas por noite. Os alunos religiosos tinham também menos propensão do que



os seus pares não religiosos para levar uma arma ou uma faca para a escola; envolver-se em lutas ou ferir alguém; conduzir depois de beber; apanhar boleia de um condutor que tinha bebido antes; fumar; beber álcool em excesso; ou fumar marijuana.

As relações sociais são outras vias importantes que afetam a saúde. Para muitos indivíduos, as comunidades religiosas proveem laços sociais que são importantes fontes de amizade, de apoio emocional e instrumental, e de um senso do que é socialmente correto. A pesquisa sugere que um sistema de apoio baseado em valores religiosos partilhados pode apoiar o envolvimento em comportamentos saudáveis e pode também reduzir alguns dos efeitos negativos do stresse e sobre a saúde.

Algumas práticas e alguns rituais religiosos podem ainda ter benefícios que promovem a saúde. Por exemplo, a reflexão espiritual, a meditação e outras técnicas de relaxamento revelaram ser eficazes na redução da pressão sanguínea. Um estudo recente que envolveu mais de 5000 Adventistas do Sétimo Dia adultos na América do Norte descobriu que a observância do Sábado (definida como sendo a não participação em atividades seculares, como as compras, a leitura de revistas seculares, a frequência de concertos seculares, do Cinema ou do Teatro e a visualização de programas noticiosos) estava associada com uma melhor saúde mental.

Outras pesquisas indicam que mesmo a antecipação de se participar em atividades religiosas importantes pode ter efeitos benéficos para a saúde. Um grande estudo norte-americano de pessoas de idade descobriu que ocorriam menos mortes imediatamente antes ou durante as fes-

tas religiosas do que nos meses posteriores às festas religiosas. Este efeito era evidente tanto para Cristãos, como para Judeus, e era mais forte entre os membros fiéis de congregações religiosas. Também é interessante que os efeitos sobre a mortalidade para os Cristãos eram visíveis apenas durante as festas religiosas cristãs e os efeitos sobre a mortalidade para os Judeus estavam presentes apenas durante as festas religiosas judaicas. Do mesmo modo, entre os Judeus que vivem em Israel, o número de mortes diminuiu ao aproximar-se o fim de semana, sendo o número de mortes mais reduzido no Sábado. Este padrão não é notado entre a população árabe que vive em Israel.

Os sistemas de crenças religiosas podem igualmente promover a saúde ao fornecerem um senso de significado e de propósito e sentimentos de resiliência no suporte do stresse e da adversidade que permitem a muitos indivíduos atravessar com sucesso alguns dos mais duros períodos da vida. Um estudo indicou, por exemplo, que os indivíduos com níveis mais elevados de resistência religiosamente motivada (e.g., virarem-se para Deus em busca de orientação e de força) tinham níveis mais baixos de pressão sanguínea até mesmo quando estavam a dormir. Há também um número crescente de pesquisas que documentam os benefícios para a saúde de valores como o perdão, o amor, a generosidade e o otimismo, que são elementos centrais de muitas tradições religiosas.

### Efeitos negativos da religião

A pesquisa sobre o envolvimento religioso também mostra claramente que este pode ter decisivos efeitos negativos sobre a saúde.

Alguns investigadores categorizam as pessoas religiosas como



sendo intrínsecas (internalizadas) ou extrínsecas (utilitárias) na sua orientação religiosa. A religião intrínseca reflete o envolvimento religioso que é pessoalmente significativo, integrado na mundividência do indivíduo e que serve como força motivadora que afeta todos os aspetos da vida de uma pessoa. Em contraste, o envolvimento religioso extrínseco é uma participação na religião que é motivada por um desejo de obter benefícios externos, tais como a segurança, o estatuto e a autojustificação.

Por exemplo, as pessoas podem frequentar os cultos para estabelecer ou manter relações sociais ou para projetar uma imagem de respeitabilidade. Os indivíduos que primam pela religiosidade extrínseca podem evidenciar níveis mais elevados de conformidade com as normas e as regras sociais do que com os ensinamentos da sua tradição religiosa. É instrutivo saber que a religiosidade intrínseca está associada a uma melhor saúde mental, enquanto a religiosidade extrínseca conduz a uma pior saúde mental.

A pesquisa sobre a resiliência religiosa evidenciou que, enquanto o emprego de crenças religiosas positivas (e.g., confiar em Deus para se obter força e orientação)



está relacionado com uma melhor saúde e uma melhor adaptação, as formas negativas de crenças religiosas (interrogar-se se se foi abandonado por Deus; acreditar que a sua doença é uma punição pelos pecados ou pela falta de espiritualidade) estão associadas com um ajustamento psicológico e com uma saúde física mais pobre. Um estudo de pacientes afetados por doenças físicas revelou que os indivíduos que tinham dúvidas e conflitos religiosos apresentavam um elevado risco de morte.

Interações sociais negativas entre congregantes religiosos podem ser uma fonte de stresse que afeta negativamente a saúde. Os laços sociais nas comunidades religiosas podem não só fornecer apoio emocional, mas também exigir o empenho de tempo, desencadear conflitos de funções e gerar críticas destrutivas. A pesquisa mostrou que as relações religiosas interpessoais e as críticas por parte da congregação e do clero podem despoletar sentimentos de culpa, medo e um senso de exclusão que podem contribuir para o surgimento de doenças.

Vários estudos descobriram que a frequência com que se está presente nas reuniões religiosas está associada com o peso corpo-

ral. Em muitas igrejas, a comida é um aspeto central da comunhão entre membros e das celebrações comunitárias. Estas descobertas sublinham que as refeições comunitárias podem ser saudáveis ou contribuir para a crescente epidemia mundial de obesidade. Os efeitos negativos da religião podem também estender-se a uma ampla gama de resultados. A pesquisa indica que as crenças teológicas sobre o domínio do homem e a submissão da mulher têm sido usadas por alguns homens para justificar a violência doméstica e têm sido empregues como racionalização por parte de algumas mulheres para aceitarem tais abusos. Um estudo nos Estados Unidos da América descobriu níveis elevados de violência por parte de parceiros íntimos entre os Adventistas, com dois entre três inquiridos a responderem que tinham já experimentado comportamentos controladores ou abusivos por parte do cônjuge, pelo menos uma vez na vida.<sup>2</sup>

A pesquisa tem há muito documentado que muitos indivíduos religiosos são mais intolerantes e preconceituosos do que os não religiosos. Uma pesquisa subsequente revelou que uma orientação religiosa extrínseca estava associada com níveis mais elevados de preconceito religioso, enquanto uma orientação religiosa intrínseca indicava níveis mais baixos. Alguma pesquisa mais recente também veio documentar que uma orientação fundamentalista, definida como a posse de uma mundividência rígida e fechada, em que o indivíduo crê que as suas crenças religiosas estão absolutamente corretas, conduz a níveis mais elevados de preconceito, especialmente perante grupos que são vistos negativamente pela tradição religiosa desse indivíduo. O que parece ser importante não é o conteúdo das crenças religiosas,

mas a inflexibilidade com que o indivíduo sustenta as suas crenças.

### Mais para aprender

Toda esta pesquisa deveria recordar aos Adventistas que, embora seja importante para os Cristãos estudarem de modo a apresentarem-se aprovados por Deus e a terem um compromisso resoluto com as verdades da Palavra de Deus, também é importante lembrar que a verdade é progressiva e que o reavivamento e a reforma trarão um corte revolucionário com a tradição. Porque, como escreveu Ellen White, “Apenas Deus e o Céu são infalíveis”, teremos todos “muitas lições a aprender e muitas, muitas mais, a desaprender”.<sup>3</sup>

O envolvimento religioso é um fenómeno complexo e multidimensional. A grande e crescente massa de estudos sobre as consequências para a saúde da participação religiosa fornece muitas confirmações positivas do valor da religião, mas revela também muitas descobertas que requerem reflexão, introspeção e arrependimento. Há muito que podemos fazer, como indivíduos, e como organizações religiosas, para maximizar o potencial positivo do empenhamento religioso. Devemos também trabalhar com renovado vigor para eliminar os efeitos negativos que prejudicam a saúde. ¶

**David R. Williams**

Professor da Universidade de Harvard

Retirado da *Adventist Review*  
de 10 de julho de 2014.

1. Daniel E. Hall, “Religious Attendance: More Cost-effective Than Lipitor?” *Journal of the American Board of Family Medicine* 19 (2006): 103-109.

2. R. Drumm, D. McBride, G. Hopkins, J. Thayer, M. Popescu, J. Wrenn, “Intimate Partner Violence in a Conservative Christian Denomination: Prevalence and Types”, *Social Work and Christianity* 33, n.º 4 (2006): 233-251.

3. Ellen G. White, *Review and Herald*, 26 de julho de 1892.

# Guardando dias

## O Sábado em Gálatas 4:10 e 11

**G**álatas 4:10 e 11 destaca-se entre os textos empregues por alguns crentes evangélicos para “provar” que o Sábado, imposto pelo quarto mandamento da Lei de Deus, já não deve ser guardado pelos Cristãos.

O texto grego original traduz-se do seguinte modo: “Guardais dias e meses e tempos e anos. Temo por vós, que não haja de algum modo trabalhado em vão para convosco” (Gálatas 4:10 e 11).

No entanto, os Cristãos que defendem a vigência do Sábado afirmam que os “dias” referidos em Gálatas 4:10 nada têm a ver com o Sábado semanal imposto pelo Decálogo, mas referem-se aos dias festivos do calendário judaico que eram comemorados anualmente. Assim, Gálatas 4:10 e 11 não faria qualquer referên-

cia ao Sábado semanal estabelecido no Decálogo. Perante esta controvérsia, podemos interrogar-nos: Quem tem razão? Neste artigo vamos interpretar Gálatas 4:10 e 11, de modo a definirmos o seu sentido exato e a determinarmos se os defensores da validade do mandamento do Sábado têm ou não razão. Começamos a nossa tarefa compreendendo o contexto histórico e ideológico do texto mencionado.

### O contexto de Gálatas

Paulo escreveu a Epístola aos Gálatas com o objetivo de pôr

fim à perturbação resultante da introdução de uma insidiosa heresia nas igrejas da Galácia. Esta heresia foi trazida por pessoas vindas de fora que “pervertem o evangelho” (Gálatas 1:7) e que “perturbam” os crentes gálatas (Gálatas 1:7; 5:10). Quem eram estes falsos mestres? Segundo as indicações que se podem recolher da Epístola aos Gálatas, tratava-se de Judeo-cristãos judaizantes que procuravam impor uma interpretação legalista do Evangelho. É provável que procedessem de Jerusalém, pois havia aí um partido de antigos Fariseus convertidos ao Cristianismo que queriam impor a circuncisão e a observância da Lei de Moisés aos crentes gentios. De facto, estes Judeo-cristãos de matriz farisaica criam que, para além da fé em Cristo, a circuncisão e a obediência à Lei de Moisés eram condições necessárias para a salvação (Atos 15:1, 5;



cf. Gálatas 2:3 e 4). Portanto, Paulo estava a combater uma forma de cristianismo judaizante que se apresentava como a verdadeira interpretação do Evangelho.

Podemos identificar os pilares dos ensinamentos heréticos dos mestres judaizantes a partir da refutação dos mesmos por Paulo na sua Epístola aos Gálatas. A heresia judaizante que estava a perturbar os Cristãos da Galácia assentava em três pilares doutrinários.<sup>1</sup>

Primeiro, os falsos mestres queriam impor a circuncisão aos Cristãos gálatas (Gálatas 5:2-4; 6:12 e 13), pois consideravam a circuncisão, enquanto sinal da aliança com Deus, como essencial para a salvação. Segundo, os falsos mestres queriam impor a observância da Lei de Moisés aos membros gentios das igrejas da Galácia (Gálatas 2:16; 3:2, 21; 4:21; 5:4). Eles consideravam a obediência à Lei de Moisés como uma condição da salvação, mesmo para os crentes gentios. Portanto, a Lei de Moisés era uma parte essencial do “outro evangelho” que pregavam. Nesse sentido, sob a direção dos mestres judaizantes, alguns membros das igrejas da Galácia já teriam começado a observar as festas do calendário judaico (Gálatas 4:10). Terceiro, os falsos mestres queriam impor às igrejas da Galácia o culto dos anjos ou dos “elementos do mundo” (Gálatas 4:3-5, 8 e 9).

Na filosofia helenística, estes “elementos” (*stoicheia*, em grego) eram os princípios materiais que constituíam o mundo. Os filósofos Estoicos usavam o termo *stoicheia* para referir os quatro elementos cósmicos: terra, água, ar e fogo. Dado que estes “elementos” físicos eram associados ou representados por seres espirituais, o termo *stoicheia* tornou-se, na cultura helenística, também numa designação para os “espíritos” que governavam o mundo físico. É o caso do uso que deste termo fazem os *Hinos de Orfeu* e a *Hermética*. Na cultura judaica também se associavam os espíritos ou os anjos com certos elementos do mundo (cf. I Enoch 60:11-21; Jubileus 2:2), sendo provável que o original grego de II Enoch 16:7 se referisse precisamente aos “elementos” como anjos responsáveis por determinados aspetos do mundo físico. É neste contexto ideológico que se deve compreender a referência que Paulo, em Gálatas, faz aos “elementos do mundo” (*stoicheia tou kosmou*). Esta referência é inteiramente polémica, sendo uma crítica implícita à posição dos mestres judaizantes. De facto, como os Judeus do seu tempo, Paulo considerava que a Lei de Moisés tinha sido “promulgada por meio de anjos” (Gálatas 3:19). Ora, em Gálatas 4:1-5, Paulo interpreta a submissão à Lei de Moisés como uma sujeição aos “elementos

do mundo”, isto é, aos espíritos elementares que eram os “tutores e curadores” dos seres humanos que estavam sob a lei mosaica. Portanto, é evidente que Paulo identifica os “anjos” com os “elementos do mundo”. Ele também identifica polemicamente os “elementos” com os “deuses” pagãos adorados pelos Gálatas antes da sua conversão ao Cristianismo (Gálatas 4:8 e 9). Paulo pode fazê-lo, porque considerava que os “deuses” pagãos eram apenas o disfarce dos “demónios”, isto é, dos anjos caídos em pecado (I Coríntios 10:19-21). Assim, podemos concluir que, de acordo com a crítica polémica de Paulo aos mestres judaizantes, estes queriam introduzir nas igrejas da Galácia o culto dos anjos ou dos “elementos do mundo”.<sup>2</sup>

Depois de determinados os principais pilares doutrinários da heresia introduzida pelos mestres judaizantes nas igrejas gálatas, concluímos que os adversários de Paulo na Galácia partilhavam as mesmas ideias dos adversários de Paulo em Colossos. De facto, a heresia de Colossos tinha uma marcada tendência ritualista judaizante, pois promovia a circuncisão (Colossenses 2:11; 3:11) e a observância da lei mosaica (Colossenses 2:16). Ela também promovia o culto dos anjos ou dos “elementos do mundo” (Colossenses 2:18; 2:8, 20).<sup>3</sup> Portanto, o apóstolo estava a



"PORQUE EM SEIS DIAS FEZ O SENHOR OS CÉUS E A TERRA, O MAR E TUDO O QUE NELES HÁ, E AO SÉTIMO DIA DESCANSOU; PORTANTO ABENÇOOU O SENHOR O DIA DO SÁBADO, E O SANTIFICOU." ÊXODO 20:11.

enfrentar, na Galácia e em Colossos, os mesmos oponentes teológicos. Como veremos em seguida, esta constatação é decisiva para podermos interpretar corretamente o sentido de Gálatas 4:10 e 11.

### Interpretação de Gálatas 4:10 e 11

Dado que existe um claro paralelo ideológico entre a heresia de Colossos e a heresia da Galácia, podemos adotar a estratégia de esclarecer a passagem, algo obscura, de Gálatas 4:10 e 11 à luz da passagem, mais clara, de Colossenses 2:16 e 17. Com efeito, ambas as passagens não só se encontram num mesmo contexto ideológico, como fazem também referência

ao mesmo comportamento cultural induzido pelos mestres judaizantes.<sup>4</sup>

Colossenses 2:16 e 17 refere o uso de um calendário litúrgico judaico por parte daqueles que tinham aderido à heresia judaizante. O texto diz: "Ninguém, pois, vos julgue por causa de comida e bebida ou em questões de festa ou de lua nova ou de sábados, que são sombra das coisas vindouras, mas o corpo é de Cristo." Gálatas 4:10 e 11 também faz referência ao uso de um calendário litúrgico judaico por parte daqueles que tinham aceitado a doutrina dos mestres judaizantes. O texto diz: "Guardais dias e meses e tempos e anos. Temo por vós, que não haja de algum modo trabalhado em vão para convosco." Ora, é evidente que estamos em presença de um real paralelo ideológico no que toca ao uso de um mesmo calendário litúrgico. A existência deste paralelo é determinante para se interpretar Gálatas 4:10 e 11.

De facto, quando analisámos o texto de Colossenses 2:16 num artigo anteriormente publicado (RA março de 2017), apresentámos argumentos que nos permitiram concluir que os "sábados" aí referidos eram os sábados cerimoniais anuais do calendário litúrgico judaico. Vimos que na Lei de Moisés o termo "sábado" (*shabbat*) também é usado para referir sete dias de descanso e de festa, que eram observados pelos Israelitas durante o ano. Estes sábados eram sábados anuais, distintos do Sábado semanal imposto pelo Decálogo. Ocorriam uma vez por ano, quando se sucedia festejar as sete festas nacionais de Israel. Foram instituídos no Sinai, após a promulgação do Decálogo (Leví-

tico 23:1-44), enquanto o Sábado semanal foi instituído na semana da Criação (Génesis 2:23) e incorporado no Decálogo (Êxodo 20:8-11). Ora, dado que existe um evidente paralelo ideológico entre Gálatas 4:10 e Colossenses 2:16, uma vez que os "dias" do citado texto de Gálatas correspondem aos "sábados" do citado texto de Colossenses, e visto que os "sábados" de Colossenses 2:16 são os sábados anuais cerimoniais do calendário judeu, então podemos concluir que os "dias" mencionados em Gálatas 4:10 não são uma referência aos Sábados semanais cuja guarda é imposta pelo Decálogo, mas referem-se também aos sábados cerimoniais anuais que faziam parte do calendário litúrgico judaico. Esta conclusão é inevitável dadas as premissas que apresentámos.<sup>5</sup>

Para além deste argumento assente na comparação entre Gálatas 4:10 e Colossenses 2:16, temos mais três argumentos que mostram que a crítica à observância de "dias" dirigida por Paulo aos Cristãos da Galácia não tinha por alvo a guarda do Sábado do Decálogo.

Em primeiro lugar, é certo que Paulo não está a referir-se, em Gálatas 4:10 e 11, a qualquer preceito da lei moral de Deus, pois esta lida apenas com um dia, o Sábado. No entanto, o apóstolo faz referência a múltiplos "dias" na sua crítica aos Cristãos gálatas. Ora, ao fazer menção a "dias" do calendário judaico, Paulo está necessariamente a falar da lei cerimonial de Moisés, porque é nela que encontramos vários mandamentos que impõem a observância de "dias, meses, tempos e anos". Na Lei de Moisés, os "dias" são os sete sábados rituais festejados anualmente (Levítico 23), os "meses" são uma referência à celebração das luas novas, que marcavam o início de cada mês (Números 10:10; 28:11-15),

os “tempos” são as três festas de peregrinação anual, isto é, a Páscoa, o Pentecostes e os Tabernáculos (Levítico 23:5-8, 15-22, 33-44), e os “anos” são o ano sabático e o ano do jubileu (Êxodo 23:10 e 11; Levítico 25:8-12). Portanto, seria a estes momentos festivos do calendário litúrgico judeu imposto pela Lei de Moisés que Paulo estava a referir-se em Gálatas 4:10. Não há aqui qualquer referência ao Sábado estatuído na lei moral de Deus.<sup>6</sup>

Em segundo lugar, a menção que Paulo faz dos “dias”, em Gálatas 4:10, não pode ser uma referência ao Sábado do Decálogo, pois este foi instituído na semana da Criação (cf. Génesis 2:1-3; Êxodo 20:8-11), antes do surgimento do pecado na Terra e milhares de anos antes da instituição do sistema cerimonial no Sinai. Ora, Paulo está a debater-se, na Epístola aos Gálatas, com os defensores de um sistema legalista que assentava na crença de que a Lei de Moisés era ainda vigente para os Cristãos. Logo, as críticas de Paulo são dirigidas à “Lei” (de Moisés) que foi instituída no Sinai. Embora o mandamento do Sábado tenha sido pronunciado no Sinai, juntamente com os restantes nove mandamentos da lei moral de Deus (Êxodo 20:1-17), o Sábado não foi instituído nessa data. De facto, o mandamento do Sábado começa com o imperativo “Lembra-te”, o que mostra que se tratava de um mandamento que já existia anteriormente à sua proclamação no Sinai. Além do mais, o próprio mandamento indica claramente que a instituição do Sábado foi realizada na semana da Criação (cf. Êxodo 20:11). Logo, os “dias” de Gálatas 4:10 não são uma referência ao Sábado.<sup>7</sup>

Por fim, e em terceiro lugar, devemos fazer notar que, se a





observância do Sábado “escravizada” o Homem, como creem aqueles que interpretam Gálatas 4:8-11, como uma crítica à guarda do Sábado, então o próprio Criador deve ter ficado “escravizado” quando observou o primeiro Sábado (Gén. 2:1-3). Ora, tal conclusão é absurda. Logo, podemos concluir, com toda a certeza, que Gálatas 4:10 e 11 nada tem a ver com o Sábado do Decálogo.<sup>8</sup>

### Conclusão

Baseados nos argumentos que acabámos de expor, podemos concluir que os “dias” a que Paulo se refere em Gálatas 4:10 são os sábados cerimoniais anuais do calendário litúrgico judeu. Não têm qualquer relação com o Sábado semanal referido no quarto mandamento da lei moral de Deus. Dado que Jesus veio cumprir o que

era tipicamente simbolizado pela Lei de Moisés, esta chegou ao seu fim aquando da morte e da ressurreição de Jesus, pelo que já não tem de ser obedecida pelos Cristãos. Assim, os sábados anuais que eram impostos por ela foram também abolidos. No entanto, nada na observação paulina avançada em Gálatas 4:10 liberta o Cristão de guardar o Sábado imposto pelo quarto mandamento do Decálogo. Logo, este deve ser guardado pelos Cristãos ainda hoje. ✨

**Paulo Lima**

Editor da *Revista Adventista*

1. Alfred Kuen, *Introduction au Nouveau Testament – Les lettres de Paul, Saint-Légier*: Éditions Emmaus, 1989, pp. 189 e 190. Werner Georg Kümmel, *Introdução ao Novo Testamento*, 2ª ed., São Paulo: Paulus, 1982, pp. 386-390. Hans Conzelmann & Andreas Lindemann, *Guide pour l'étude du Nouveau Testament*, Genève: Labor et Fides, 1999, pp. 271 e 272.

Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 1980, vol. VI, p. 932. Frederic Rendall, *The Epistle to the Galatians (The Expositor's Greek Testament*, vol. III), Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1951, pp. 139 e 140.

2. J. D. Douglas (ed.), *O Novo Dicionário da Bíblia*, São Paulo: Edições Vida Nova, 2006, s.v. “Rudimentos”.

3. Paulo Lima, “Sombra das coisas vindouras? – O Sábado em Colossenses 2:16 e 17”, *Revista Adventista*, nº 838, março de 2017, p. 12.

4. E. Huxtable, *Galatians (The Pulpit Commentary*, vol. 46), London & New York: Funk & Wagnalls, [s.d.], p. 190.

5. Paulo Lima, “Sombra das coisas vindouras? – O Sábado em Colossenses 2:16 e 17”, pp. 11-17.

6. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. VI, p. 967. Francis Nichol, *Respostas a Objeções*, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004, p. 154. Robert Jamieson, A. R. Fausset & David Brown, *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible*, Grand Rapids, MI: Zondervan, [s.d.], p. 333.

7. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. VI, p. 967. H. Ross Cole, “The Christian and Time-Keeping in Colossians 2:16 and Galatians 4:10”, *Andrews University Seminary Studies*, vol. 39(2), Autumn 2001, p. 282.

8. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. VI, p. 967.

# Quem somos nós e porque estamos aqui?

**A** 29 de março de 1994, trinta e nove líderes Evangélicos e Católicos – homens como Pat Robertson e o Cardeal John O'Connor – assinaram um documento intitulado “Evangélicos e Católicos juntos: a missão cristã no terceiro milênio”. Os Cristãos ao redor do mundo ficaram espantados; os Adventistas do Sétimo Dia viram confirmada a sua compreensão da profecia bíblica.

Eles recordaram-se de Apocalipse 13:3 – “e toda a terra se maravilhou após a besta” – e da seguinte declaração n’O *Grande Conflito*: “Os Protestantes dos Estados Unidos serão os primeiros a estender

a mão através do abismo para apanhar a mão do espiritismo. Estender-se-ão por sobre o abismo para dar as mãos ao poder romano.”<sup>1</sup>

Em 2014, o Papa Francisco dirigiu-se, através de um

vídeo, a uma conferência de pastores Carismáticos e Pentecostais, organizada pelo evangelista televisivo Kenneth Copeland. O Papa disse a estes pastores que ansiava que a separação entre as Igrejas chegasse ao fim. “O milagre da unidade começou”, disse ele, “e Deus terminará bem este milagre”. A resposta dos pastores Pentecostais e Carismáticos foi um sonante “Ámen!”. Eles oraram pelo Papa e abençoaram-no. Muitos Cristãos espalhados ao redor do mundo regozijaram-se por este facto. Os Adventistas do Sétimo Dia viram, mais uma vez, a sua fé confirmada, porque há mais de cem anos que têm estado

a aguardar que se verifique este movimento em direção à unidade dos Cristãos.

A 23 de maio de 2015, o Movimento João 17, uma organização interdenominacional de teólogos e líderes Protestantes e Católicos, realizou uma reunião em Phoenix, Arizona, EUA. O Papa Francisco, de novo através de um vídeo, enviou-lhes uma mensagem pessoal, na qual apelava a que fechassem a ferida da separação. Depois, em setembro, o Papa Francisco visitou a América, falando numa sessão conjunta do Congresso e dirigindo-se também à Assembleia-Geral das Nações Unidas. A sua visita enfatizou a estreita relação existente entre o Vaticano e a América desde 1984. No século XX, antes de 1984, os Estados

Unidos nem sequer tinham estabelecido relações diplomáticas com o Vaticano.

### A Igreja Remanescente

Enquanto Adventistas do Sétimo Dia, temos o privilégio de ver a realização de algumas profecias ocorrer perante os nossos olhos, porque o próprio Deus trouxe à existência a nossa Igreja e deu-lhe informação especial sobre os acontecimentos do tempo do fim. Nunca devemos esquecer que a Igreja Adventista do Sétimo Dia não é um acidente da História. Ela não veio à existência por acaso. Ela não é simplesmente mais uma Igreja entre muitas Igrejas Cristãs. Esta Igreja foi prevista profeticamente em Apocalipse 12:17: “E o dragão irou-se contra a

mulher, e foi fazer guerra ao resto da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo.”

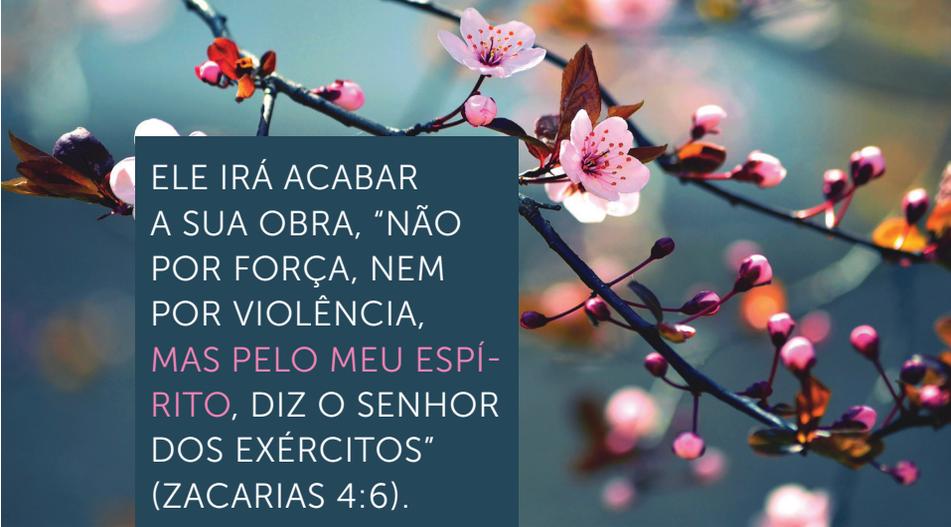
Esta descrição adequa-se apenas à Igreja Adventista do Sétimo Dia.<sup>2</sup> Isto pode parecer arrogante, mas os Adventistas nada têm de que se gabar. Seremos chamados para proclamar as mensagens dos três anjos de Apocalipse 14 é uma experiência que nos faz sentir desafiados e humildes, para além de ser também uma responsabilidade extraordinária. A evidência textual sobre as marcas da Igreja Remanescente é clara. Nenhuma outra Igreja está empenhada em guardar todos os mandamentos de Deus, incluindo o mandamento do Sábado; nenhuma outra Igreja tem “o testemunho de Jesus”, que, segundo Apocalipse 19:10, é o Espírito de Profecia. Nós acreditamos que este dom se manifestou na vida e no ministério de Ellen G. White.

Estou firmemente convencido de que a Igreja Adventista do Sétimo Dia é a última Igreja de Deus, a Igreja Remanescente de Apocalipse 12:17. Isto não significa que apenas os Adventistas do Sétimo Dia serão salvos. Deus tem o Seu povo espalhado por todas as Igrejas. Em Apocalipse 18:2, o quarto anjo proclama “Caiu Babilónia”, e, no versículo 4, ele diz: “Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados e para que não incorras nas suas pragas.” Sim, muitos membros do povo de Deus estão ainda em Babilónia. Não há dúvida de que haverá muitos Católicos e Protestantes no Céu, juntamente com os Adventistas do Sétimo Dia!

### O desafio das Escrituras

Deus trouxe esta Igreja à existência e deu-lhe uma mensagem especial (Apocalipse 14) para que a proclame ao mundo, de modo a prepará-lo para o Segundo Adven-





ELE IRÁ ACABAR  
A SUA OBRA, “NÃO  
POR FORÇA, NEM  
POR VIOLÊNCIA,  
MAS PELO MEU ESPÍ-  
RITO, DIZ O SENHOR  
DOS EXÉRCITOS”  
(ZACARIAS 4:6).

to. Mas, para podermos proclamar esta mensagem, precisamos de estar fundamentados na Palavra de Deus. Precisamos de estudar as Escrituras e de aceitar aquilo que elas dizem textualmente, sem procurarmos “explicar” o seu sentido claro, de modo a ficarmos livres de o aplicar. Segundo Ellen G. White. “Se os homens se limitassem a tomar a Bíblia como ela é, [...] seria realizada uma obra que alegraria os anjos, e que traria para o redil de Cristo milhares que agora estão a vaguear no erro.”<sup>3</sup>

Assim, quando as Escrituras dizem: “Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou” (Êxodo 20:11), isto significa que Ele criou o mundo em seis dias, não em seis milhões de anos. E quando Deus diz: “Com varão não te deitarás, como se fosse mulher; abominação é” (Levítico 18:22), isto significa que a prática homossexual é um pecado, seja ela a expressão de uma relação de amor ou não. Precisamos de aceitar a Bíblia textualmente, a menos que haja boas razões para não o fazer.

### O desafio da unidade

De tempos em tempos, precisamos que nos recordem de que servimos um Deus vivo. Pelas Escrituras sabemos que Satanás está irado com a Igreja Remanescente (Apocalipse 12:17). Ele tem

feito com que o mundanismo e o pluralismo tenham penetrado na Igreja Adventista do Sétimo Dia como nunca antes. O pluralismo teológico coloca, hoje, um desafio tremendo à unidade da Igreja. As controvérsias teológicas na Igreja nas últimas décadas produziram diversos tipos de Adventismo. Hoje ouvimos falar de Adventistas evangélicos, de Adventistas progressistas, de Adventistas históricos e de Adventistas conservadores.<sup>4</sup> Todos pretendem representar o verdadeiro Adventismo.

Quando comecei o meu ministério, em 1971, as discussões teológicas centravam-se no santuário, no Espírito de Profecia, na perfeição cristã e na natureza de Cristo, ensinamentos que interessavam especificamente aos Adventistas. Atualmente, as controvérsias teológicas da nossa Igreja são muito mais básicas, tendo a ver com ensinamentos cristãos fundamentais: (1) A Trindade: Cristo é realmente Deus desde a eternidade? O Espírito Santo é uma pessoa? (2) Criação: Deus criou o mundo em seis dias ou em seis *eons*? (3) A expiação: Jesus morreu como nosso Substituto ou apenas como nosso Exemplo? (4) A Bíblia: A Bíblia é toda ela inspirada? Toda a Bíblia merece a nossa confiança, ou merece-a apenas quando fala sobre a salvação?

Alguns Adventistas já não estão convencidos de que a Igreja Adventista do Sétimo Dia é a

Igreja Remanescente da profecia; ou de que Ellen White foi uma verdadeira profetisa; ou de que o nosso ensino sobre o santuário é bíblico. Eles correm o risco de se esquecerem de quem nós somos e de por que razão Deus suscitou esta Igreja. E tudo o que Satanás quer é que isto aconteça.

### O desafio da missão

Portanto, que nunca esqueçamos quem somos e a razão por que Deus trouxe à existência esta Igreja. Ele está a abençoar maravilhosamente a Sua Igreja. Nós damos louvores a Deus pelo progresso que a Igreja Adventista do Sétimo Dia está a fazer ao redor do mundo. Segundo o Departamento de Arquivos, Estatísticas e de Pesquisa da Conferência Geral, cada dia mais de 3000 pessoas aderem à Igreja: um Pentecostes todos os dias. Louvado seja Deus!

Também enfrentamos desafios significativos. Ainda há cerca de quatro biliões de pessoas que nunca ouviram a mensagem Adventista. A maior parte delas vive na janela 10/40. Por vezes, podemos até desesperar de alguma vez conseguirmos acabar a nossa missão. Mas Deus tem os Seus métodos e os Seus meios, de que não fazemos sequer uma ideia. Ele irá terminar a Sua obra, “Não por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos” (Zacarias 4:6). Assim, regozijemo-nos e fiquemos alegres, fixando os nossos olhos em “Jesus, autor e consumador da fé” (Hebreus 12:2). ✨

**Gerhard Pfandl**  
Teólogo

1. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 489, ed. P. SerVir.
2. Veja Gerhard Pfandl, *The Gift of Prophecy*, Nampa, Ida.: Pacific Press, 2008, pp. 46 e 47.
3. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 499, ed. P. SerVir.
4. *Adventists Today*, janeiro/fevereiro 1994.

Um artigo publicado no início do século XIX lamentava a invenção da chaminé da salamandra a carvão. O autor predizia que esta nova geringonça iria certamente provocar a dissolução da família. Em resumo, o costume das famílias de se aconchegarem ao redor da lareira familiar (ou ao redor das velas) durante a noite estava a ser posto em causa simplesmente porque os membros das famílias, que costumavam ser unidos, podiam agora espalhar-se pelos quartos aquecidos do seu lar.

Assim, esta nova e moderna tecnologia foi inicialmente considerada uma ameaça, embora tenha sido rapidamente adotada em toda a América do Norte. Afinal, poupava tempo e energia. Os profetas da desgraça tive-

ram de procurar noutro lado razões para a desestruturação das famílias americanas.<sup>1</sup>

No mundo de hoje, é fácil ansiar saudosamente pelos tempos antigos, mais simples. Por vezes, interrogamo-nos se os problemas atuais e pode-

riam ser minorados ou, mesmo, eliminados, simplesmente por um regresso ao passado. Tais noções são evidentes no seio da atual cultura popular – com os programas de televisão que apresentam um regresso aos espaços selvagens; os muitos livros de Laura Ingall Wilder; ou as promessas dos políticos. Assim sendo, como seria voltarmos atrás no tempo? Imaginemos que vivíamos nos dias dos primeiros pioneiros Adventistas.<sup>2</sup>

### A vida quotidiana

A sujidade era o aspeto mais óbvio da vida quotidiana da América anterior à guerra civil.<sup>3</sup> A poderosa mistura de fogos constantes, lixo e detritos podia irritar o nariz. Os Americanos tinham a tendência para colocar cercas de madeira pintadas de branco ao redor da sua casa – não para manter os animais domésticos dentro do quintal, mas para

# Os bons velhos tempos Em busca da verdade presente

manter fora os animais vadios. Naquela época, era simplesmente difícil manter-se limpo. Dado que os meios de transporte locais dependiam sobretudo do uso de cavalos, isto significava que as estradas eram locais muito sujos. Qualquer chuva que caísse podia misturar lama com estrume, criando um esterco empapado que, por vezes, tornava as estradas completamente intransitáveis.

A América era, em grande medida, composta por fazendas rurais. Se voltássemos ao passado, revelar-se-ia indubitavelmente que grande parte das conversas quotidianas se centravam nas rítmicas atividades agrícolas. Dado que os livros eram caros, a maioria das pessoas possuía apenas (para além da Bíblia) um exemplar do *Almanaque do Agricultor* – o maior êxito de vendas na América anterior à guerra civil.<sup>4</sup>

A agricultura dominava a vida quotidiana de muitas outras formas. Até o planeamento dos casamentos era programado para coincidir com os ritmos da agricultura. (Os casamentos eram frequentemente realizados na fazenda da família da noiva – só a partir do final do período Vitoriano é que as pessoas adotaram a moda de usar um vestido de casamento branco e comparecer perante um ministro do culto numa igreja). As pessoas davam o nó no início da primavera ou no final do outono, por causa dos ritmos do plantio ou da colheita. A data preferida para se realizar casamentos andava em redor do feriado de Ação de Graças.

Os historiadores notaram um aumento significativo no nascimento de crianças no final do inverno ou no início da primavera, épocas correspondentes à primeira fase do plantio – este era o tempo em que a maior parte dos adultos tinha menos trabalho a realizar na fazenda.<sup>5</sup> As crianças iam tipicamente à escola durante as semanas mais frias do inverno, aprendendo a “ler, a escrever e a contar”.<sup>6</sup> A maioria das crianças tinha apenas uns poucos anos de instrução antes que a necessidade de auxiliarem no trabalho da fazenda pesasse mais do que a necessidade de adquirirem uma “aprendizagem escolar”.

Se a vida da fazenda era difícil, os cuidados de saúde na América eram realmente perigosos. Sendo talvez a mais manifesta diferenciação entre o passado e o presente, a doença “era algo que ocorria quase certamente, mas com um resultado final totalmente incerto”.<sup>7</sup> Doenças virulentas varriam a América, mas havia pouquíssimas curas disponíveis. A malária, a febre amarela e a temida tuberculose devasta-

vam os lares. A maior parte dos pais esperavam, à partida, que pelo menos um, ou mais, dos seus filhos não chegasse a atingir a idade adulta (o índice de mortalidade infantil era 10 vezes mais alto do que é hoje).<sup>8</sup> Os adultos também não escapavam, devido ao perigo dos acidentes, e, as mulheres, devido ao alto índice de mortalidade no parto.

“A maior parte das pessoas não sobrevivia muito para além daquela que é, hoje, a idade da reforma.”<sup>9</sup> Muitos casamentos eram desfeitos, não pelo divórcio, mas pela morte prematura. Num tempo heroico da Medicina, em que as pessoas procuravam restaurar o equilíbrio do corpo, a maioria dos tratamentos era simplesmente perigosa. Não admira que a curta duração média de vida das pessoas durante esta época permanecesse constante até à futura adoção de medidas antisépticas e promotoras da saúde pública. O historiador Adventista George Knight declarou acertadamente que nenhuma pessoa no seu perfeito juízo escolheria nascer no século XIX!<sup>10</sup>

### Dieta e doutrina

Apesar de tais dificuldades, como seria, se pudéssemos pertencer a uma inicial e mais pura versão do Adventismo do Sétimo Dia – uma época em que os primeiros pioneiros prosperavam e detinham a liderança do movimento?

Infelizmente, a maior parte das pessoas que vivem hoje dificilmente reconheceria o mundo dos primeiros pioneiros. Ellen White hesitou bastante quando ouviu pela primeira vez acerca de Joseph Bates e do Sábado. Ela pensou que ele “errava em insistir mais sobre o quarto mandamento do que sobre os nove restantes”.<sup>11</sup> Só depois de

intenso estudo é que ela adotou a mesma posição.

Do mesmo modo, a dieta da maioria dos primeiros pioneiros consistia em muita gordura, muitas especiarias e muita carne. Até mesmo a nossa posição sobre as carnes puras e impuras não se desenvolveu realmente até à década de 1890. Foi também apenas durante este período que Ellen White adotou finalmente uma dieta completamente vegetariana. Muitos Adventistas hoje sentir-se-iam bastante desconfortáveis, se tivessem de voltar ao passado para partilhar uma refeição com aqueles primeiros crentes.<sup>12</sup>

Da mesma forma, muitos dos primeiros pioneiros sentir-se-iam também desconfortáveis com a atual Declaração de Crenças Fundamentais. Alguns, como Uriah Smith, teriam problemas com a quinta crença, sobre a personalidade do Espírito Santo. Na primeira parte da sua longa carreira, Smith não apenas negava a existência da Trindade e a eternidade do Filho (como muitos dos seus correlegionários), mas representava o Espírito Santo como “aquela divina e misteriosa emanção através da qual Eles [o Pai e o Espírito] levam avante a Sua grande e infinita obra”. Noutra ocasião, Smith representou o Espírito Santo como “uma influência divina”, e não como “uma pessoa semelhante ao Pai e ao Filho”.<sup>13</sup>

Esta não era a única posição com a qual os pioneiros se sentiriam desconfortáveis. No início, os pioneiros debateram-se com a teoria da “porta fechada”, segundo a qual o tempo da graça tinha acabado em outubro de 1844. Ellen White partilhou inicialmente esta perspectiva, mas logo a rejeitou. Até mesmo o tempo para o início do Sábá-



do era discutível. Alguns (como Joseph Bates, o homem do mar) defendiam um tempo pré-determinado (as seis horas da tarde), mas foi apenas depois de uma detalhada exposição bíblica, realizada por John N. Andrews, que a Igreja acabou por adotar a posição de que o Sábado decorre de pôr-do-Sol a pôr-do-Sol como sendo a única posição bíblicamente defensável.<sup>14</sup>

Desde o começo, os pioneiros que acabaram por formar a Igreja Adventista do Sétimo Dia aderiram à convicção de que a descoberta da verdade é progressiva. O próprio nome do jornal dos Adventistas Sabatistas, precursor da *Adventist Review*, era simplesmente *The Present Truth* (A Verdade Presente). Os Adventistas mantinham um conceito dinâmico da verdade e um forte compromisso com a verdade bíblica, tal como esta estava expressa na Bíblia. Foi este espírito que levou John N. Andrews, depois da sua descoberta da verdade acerca do Sábado, a excluir que, de boa mente, “trocaria mil erros por uma só verdade”.<sup>15</sup> Isto não significa que as doutrinas basilares estabelecidas através do estudo da Bíblia viriam a ser abandonadas, mas significa que seria mediante um cuidadoso estudo da Bíblia que a denominação continuaria a crescer na sua compreensão da verdade. De facto, a verdade de Deus, tal como se manifesta na Pessoa de Jesus Cristo e tal como está revelada na Sua Palavra, será um tópico de estudo do povo de Deus por toda a eternidade.

### Miopia histórica

Um dos meus livros favoritos tem um título simples: *The Good Old Days – They Were Terrible!* (Os Bons Velhos Tempos – Eles Foram Terríveis!). A vida era dura

na América do século XIX. Os primeiros Adventistas guardadores do Sábado, que acabaram por formar a Igreja Adventista do Sétimo Dia, enfrentaram desafios incríveis, tanto em termos do desenvolvimento da sua teologia, como em termos da instituição do seu estilo de vida. Nenhuma pessoa que esteja consciente destes desafios quererá de boa mente regressar a esse tempo!<sup>16</sup>

George Knight faz notar que todas as sociedades sofrem do que ele chama “miopia histórica”.<sup>17</sup> As pessoas romanciam o passado, nomeadamente certas pessoas, eventos ou lugares “de antigamente”. Elas sonham acerca dos “bons velhos tempos”, quando a vida era mais simples e mais pura. Infelizmente, tal tempo nunca existiu. De facto, uma tal mitologia distorce a verdade.

Assim sendo, por que razão as pessoas sofrem de “miopia histórica”? A resposta é simples. A mente humana engana-nos “através do processo psicológico do recalçamento. O recalçamento permite à nossa mente esquecer os eventos infelizes do passado, ao mesmo tempo que se recorda de muito do que é bom”.<sup>18</sup> Tal visão do passado é particularmente destrutiva porque não lida com as duras realidades do passado e do presente ou com os desafios de hoje e de amanhã.

Qual é o maior perigo que o Adventismo enfrenta hoje? Ellen White deixou o conselho, no seguimento dos eventos de Minneapolis de 1888, de que esse perigo maior advirá, “se não nos guardarmos constantemente de considerarmos as nossas ideias, porque são há muito aceites, como doutrinas bíblicas e infalíveis em todos os pontos, e se medirmos toda a gente pela régua da nossa interpretação da

verdade bíblica. Este é o nosso perigo, e este seria o maior mal que poderia alguma vez sobrevir-nos enquanto povo”.<sup>19</sup>

Um estudo cuidadoso do passado revela a necessidade de uma avaliação honesta dos desafios, mas também uma admiração pelo compromisso Adventista para com a “verdade presente”. †

**Michael W. Campbell**  
Historiador

Retirado da *Adventist Review*  
de outubro de 2017.

1. Baseado na minha leitura de jornais históricos. Para uma discussão mais ampla do fogão de cozinha na história americana, veja-se Jack Larkin, *The Reshaping of Every Day Life 1790-1840* (New York: Harper, 1988), pp. 52 e seguintes.

2. Eu uso a expressão pioneiros “Adventistas guardadores do Sábado” para me referir ao período de formação da Igreja que vai do Grande Desapontamento de 1844 até ao tempo de organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia em 1863.

3. Larkin, p. xv.

4. *Idem*, p. 18.

5. *Idem*, pp. 66 e 67.

6. A frase refere-se à educação básica e remonta pelo menos a 1818.

7. Larkin, pp. 72 e 73.

8. *Ibidem*.

9. *Idem*, p. 75.

10. George R. Knight, *Myths in Adventism: An Interpretative Study of Ellen White, Education and Related Issues* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1999), p. 28.

11. Ellen G. White, *Life Sketches of Ellen G. White* (Mountain View, Calif.: Pacific Press, 1915), p. 95.

12. Para uma visão panorâmica, veja “Vegetarianism”, em *Ellen G. White Encyclopedia*, ed. Denis Fortin & Jerry Moon (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2013), pp. 1246-1248.

13. Veja *1891 General Conference Bulletin*, p. 146; *Review and Herald*, 28 de outubro de 1890, p. 664. Devo estes exemplos a George R. Knight, *A Search for Identity: The Development of Seventh-day Adventist Beliefs* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000), p. 18.

14. Knight, p. 28.

15. In Ellen G. White, *Spiritual Gifts* (Battle Creek, Mich.: James White, 1860), vol. 2, p. 117.

16. Larkin, p. 73.

17. Knight, p. 27.

18. *Ibidem*.

19. Ellen G. White, *The 1888 Materials* (Washington, D.C.: Ellen G. White Estate, 1987), vol. 2, p. 830. Devo esta citação a Nicholas P. Miller, *The Reformation and the Remnant: The Reformers Speak to Today's Church* (Boise, Ida.: Pacific Press, 2016), p. 61.



# 2º Curso de Formação Internacional Adventista para Intérpretes LG

**Lisboa, Portugal**

Setembro, 1-3  
2017

ORGANIZADO POR



SEVENTH-DAY ADVENTIST® CHURCH

*Inter-European Division*

EM COLABORAÇÃO COM



ADVENTIST® SPECIAL  
NEEDS MINISTRIES  
ALL ARE GIFTED, NEEDED & TREASURED

ORADORES

**LARRY EVANS**

ADMI e Ministério das Necessidades Especiais da Conferência Geral

**TAIDA RIVERO**

Ministério dos Surdos em Espanha

**CLÁUDIA DIAS**

Ministério dos Surdos em Portugal

**CORRADO COZZI**

ADMI e Ministério das Necessidades Especiais da Divisão Inter-Europeia

**OUTRAS**

LOCAL

**VIP Executive Art's Hotel**

Avenida D. João II, nº 47  
1998-028 Lisboa – Portugal  
+351 210 020 400  
hotelarts@viphotels.com

CONTACTO PARA INFORMAÇÕES

facebook.com/adventistdeaf.eu  
adventistdeaf.eu/lisbon/2017 • info@adventistdeaf.eu  
+351 914804807 (Cláudia Dias)